

A Paixão de Ser Professor nos Tempos Caóticos



José Matias Alves (Org.)

Faculdade de Educação e Psicologia

2ª Edição

Novembro 2021

Ficha técnica

Título: A Paixão de Ser Professor nos Tempos Caóticos

Organizador: José Matias Alves

Autores: Adília Cruz, Alexandra P. Carneiro, Ana Gomes, Ana Luísa Melo, Ana Paula Silva, António Miguel Ralha Portugal, António Quaresma Coelho, Carmo Cruz, Carla Noronha, Carlos Café, Catarina Santos Botelho, Cristina Palmeirão, Diana Mesquita, Eduarda Alexandra Carneiro, Eulália Maria Borges Correia, Fátima Taveira, Filipa Pereira Araújo, Filipe Magalhães, Generosa Pinto Vilela Pinheiro, Helena Santos, Ilídia Cabral, Isolina Jorge, João Costa, José Matias Alves, Laura Moreira Melo e Faro, Lídia Serra, Lídia Sousa, Luís Manuel Afonso Gonçalves, Margarida Natália Santos Pires Araújo, Maria Clara Ferreira, Maria José Ferreira, Maria José Peixoto, Pedro Jesus, Raquel Simões de Almeida, Rosário Queirós, Sónia Soares Lopes, Teresa Martinho Marques

Paginação: Francisco Martins

Local de edição: Porto

Editor: Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa / 2ª Edição

Data: novembro 2021

ISBN: 978-989-53098-5-6

Foto de capa: Regina Matos de Almeida

Índice

| | |
|---|----|
| José Matias Alves - Ser Professor: nos meandros atormentados da paixão..... | 5 |
| Adília Cruz - Entre “primários” e “secundários” | 15 |
| Alexandra P. Carneiro - Paixão (segundo uma professora)..... | 18 |
| Ana Gomes - Uma Profissão que me calhou | 19 |
| Ana Luísa Melo - Uma profissão única. | 21 |
| Ana Paula Silva - Professora - antes de ser já o era..... | 23 |
| António Miguel R. Portugal - A Paixão de Ser Professor: as manifestações do amor.... | 26 |
| António Quaresma Coelho - A Paixão de Ser Professor: razões e sentimentos | 28 |
| Carmo Cruz - Ser Professor: de onde vem a paixão? | 30 |
| Carla Noronha - A Paixão de Ser Professor: a educação pode mudar o mundo..... | 34 |
| Carlos Café - Amar, Acreditar, Re-nascer | 36 |
| Catarina Santos Botelho - Um professor é um mosaico em que cada aluno deixa um pouco de si | 40 |
| Cristina Palmeirão - Acróstico Quem são os professores apaixonados?..... | 42 |
| Diana Mesquita - Ensinar com o coração | 44 |
| Eduarda Alexandra Carneiro - A Paixão de Ser Professor: razões e sentimentos..... | 46 |
| Eulália Maria Borges Correia - A Paixão de Ser Professor: razões e sentimentos | 48 |
| Fátima Taveira - A Paixão de Ser Professor: razões e sentimentos | 50 |
| Filipa Pereira Araújo - A Paixão de Ser Professor | 52 |
| Filipe Magalhães - A Paixão de Ser Professor: entre a exigência, o cuidado e os frutos | 55 |
| Generosa Pinto Vilela Pinheiro - Reinventar a Paixão de Ser Professor | 57 |
| Helena Santos - Podemos chegar ao coração e mente das pessoas..... | 59 |
| Ilídia Cabral - Paixão, morte e ressurreição de um professor | 61 |
| Isolina Jorge - Ser Professor: a voz fica para sempre audível no coração do seu aluno | 66 |
| João Costa - Gosto de ser professor | 69 |
| José Matias Alves - Os professores: sal da terra, luz da humanidade..... | 71 |
| Laura Moreira Melo e Faro - Ser Professora – um ato de jardinagem..... | 74 |
| Lídia Serra - Sobre a Paixão de Ser Professor | 77 |
| Lídia Sousa - A Paixão de Ser Professora: alguns exemplos | 80 |
| Luís Manuel Afonso Gonçalves - Trabalhar para que os sonhos se cumpram | 82 |

| | |
|--|-----|
| Margarida Natália Santos Pires Araújo - A Paixão de Ser Professor: razões e sentimentos | 84 |
| Maria Clara Ferreira - Ser professor... vocação, paixão ou acaso?..... | 87 |
| Maria José Ferreira - A Paixão de Ser Professor: razões e sentimentos | 90 |
| Maria José Peixoto - A Paixão de ser professor..... | 94 |
| Pedro Jesus - Engendrar o humano | 97 |
| Raquel Simões de Almeida - A Paixão de Ser Professor: as marcas que nos tecem ... | 100 |
| Rosário Queirós - Experiências avulsas em torno da paixão de ser professora de português..... | 102 |
| Sónia Soares Lopes - A Paixão de Ser Professor: razões e sentimentos | 105 |
| Teresa Martinho Marques - O Professor é um segredo..... | 106 |

Ser Professor: nos meandros atormentados da paixão

José Matias Alves

“Ensinar não é uma atividade como as outras. Poucas profissões serão causa de riscos tão graves como os que os maus professores fazem correr aos alunos que lhe são confiados. Poucas profissões supõem tantas virtudes, generosidade, dedicação e, acima de tudo, talvez entusiasmo e desinteresse. Só uma política inspirada pela preocupação de atrair e de promover os melhores, esses homens e mulheres de qualidade que todos os sistemas de educação sempre celebraram, poderá fazer do ofício de educar a juventude o que ele deveria ser: o primeiro de todos os ofícios.”

Pierre Bourdieu

A ideia desta coletânea de textos nasceu no dia mundial do professor, em 5 de outubro de 21 e de um texto que escrevi no jornal Público (Alves, 2021) com o título *Professores: luz do mundo, salvação da humanidade*. A escrita deste texto gerou um desafio que formalizei a algumas dezenas de professores. Dizia assim:

“A Paixão de Ser Professor: razões e sentimentos

Neste dia mundial do professor, lembrei-me de pedir a algumas dezenas de professores que escrevessem um pequeno texto em que narrassem a *paixão de ser professor*. Isto é, que fatores essenciais fazem com que gostemos, apesar de tudo, de ser professor. O objetivo primeiro é reunir esses testemunhos e publicar num livro digital. Num segundo momento, poderá ser feito um estudo sobre o conteúdo publicado. A aceitação deste convite significa uma participação livre e consentida. E é uma forma de afirmarmos socialmente o valor desta profissão única. Desejaria obter textos que tivessem entre 500 e 1000 palavras (entre uma e duas páginas A 4).”

Pedia depois o nome, o sexo e a idade. Entre 5 e 25 de outubro recebi mais de 30 textos, tendo os autores uma média de idade de 54 anos, 8 do sexo masculino e 24 do sexo feminino.

Este pedido foi muito inspirado em Christopher Day (Day, 2004) e a sua obra *A Passion for teaching*, e designadamente na figura infra

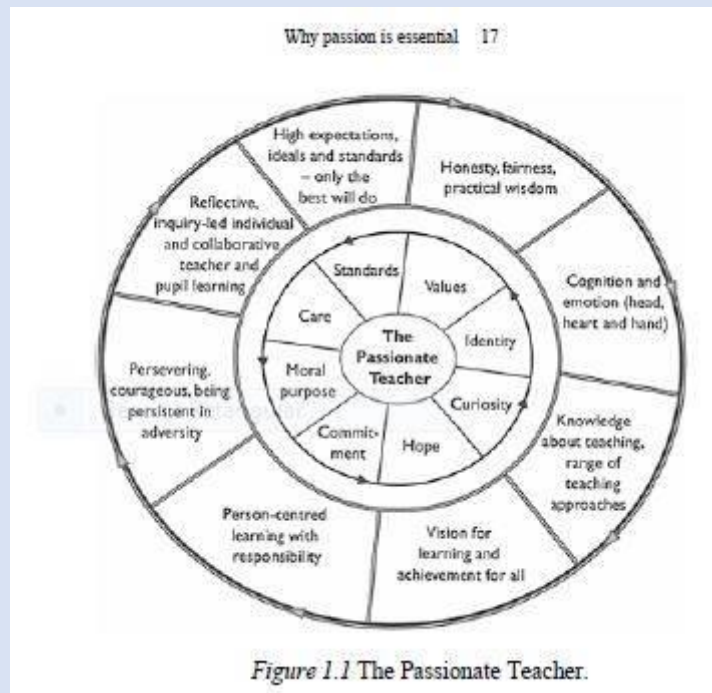


Figure 1.1 The Passionate Teacher.

Segundo o autor é essencial um exercício apaixonado da profissão, mobilizando 8 argumentos para sustentar esta tese. Permitam-me que glose e expanda esta reflexão, tendo, no entanto, a consciência clara de que a profissão foi objeto de um grave e profundo estrangulamento e desgaste desde 2008, havendo muitos professores que vivem hoje a profissão como um inferno. Mas este será tema para outro texto.

Um dos tópicos tem a ver com a *pedagogia do cuidado*. Cuidar, aproximar, escutar, refletir para servir o melhor possível o outro na dimensão cognitiva, afetiva, relacional. Para que o outro cresça e se desenvolva na multidimensionalidade do ser humano. Para que esta pedagogia tenha condições de existência, é preciso que o professor goste de interagir com seres humanos, respeite as suas singularidades, na sua progressiva autonomia e liberdade e acredite na sua perfeitibilidade como também poderia dizer Philippe Meirieu (Meirieu, 2018). Como refere, exemplarmente, conjugando educabilidade e liberdade:

En référence à l'histoire des doctrines pédagogiques et aux tensions qu'elle révèle, la pédagogie se reconnaît au fait qu'elle se coltine la contradiction entre éducatibilité et liberté, et travaille à la dépasser. Pour elle : 1. Tout le monde peut apprendre et nul ne peut jamais décider, pour une personne donnée, qu'un apprentissage est définitivement impossible : c'est le principe d'éducatibilité. 2. L'apprentissage ne se décrète pas... et rien ne permet de l'imposer à quiconque. Tout apprentissage s'effectue, pour chacun, à sa propre initiative et requiert de sa part un engagement personnel : c'est le principe de liberté. 3. Ces deux principes, tenus ensemble, structurent la pédagogie : s'en tenir au premier, c'est basculer dans le fatalisme,

s'en tenir au second, c'est basculer dans le dressage. Tenir les deux ensemble, c'est inventer sans cesse des situations qui permettent à celui qui apprend d'engager sa liberté. Tenir les deux ensemble, c'est s'obstiner à proposer des médiations, au nom de l'éducabilité de tous, et chercher à susciter l'engagement personnel, au nom du respect de la liberté de chacun. (Meirieu, 2018)

Um segundo argumento tem a ver com *o propósito moral*. Nós não podemos abandonar seres que nos são confiados pela sociedade (pelas famílias) para que eles cresçam e se afirmem nos vários planos vitais. E esta implicação exige perseverança, coragem, persistência, muitas vezes em condições adversas de desconsideração e desconfiança. E estas *virtudes* têm de existir no plano pessoal de cada ser, mas têm também de ser construídas no *colégio* profissional para que façam parte de um código deontológico comum.

O terceiro tópico evoca a imperatividade profissional de um compromisso que assume múltiplas dimensões: com a atualização científica, estando ao corrente do que sabe a partir da investigação realizada nas diversas áreas, compromisso em relação ao saber ensinar (entrando aqui em cena um saber pedagógico múltiplo e exigente), com ação estratégica que vai à procura das razões e dos sentimentos dos que não querem aprender o que a escola lhes quer ensinar. Este compromisso traduz-se na procura sistemática de resposta ao nível da ação pedagógica, recusando os estereótipos das condições sociais, da pobreza familiar, das condições económicas e culturais, dos *handicaps* da mais diversa natureza. Porque ser profissional da educação é justamente este compromisso com a procura de todas respostas organizacionais e pedagógicas possíveis para conectar os alunos, todos os alunos, com as aprendizagens social e pessoalmente pertinentes e relevantes. Como afirmava Roland Barthes

Há uma idade em que se ensina o que se sabe; mas vem em seguida outra, em que se ensina o que não se sabe: isso se chama *pesquisar*. Vem talvez agora a idade de uma outra experiência, a de *desaprender*, de deixar trabalhar o remanejamento imprevisível que o esquecimento impõe à sedimentação dos saberes, das culturas, das crenças que atravessamos. Essa experiência tem, creio eu, um nome ilustre e fora de moda, que ousarei tomar aqui sem complexo, na própria encruzilhada de sua etimologia: *Sapientia*: nenhum poder, um pouco de saber, um pouco de sabedoria, e o máximo de sabor possível. (Barthes, 1978)

Este compromisso com o saber, os saberes, com a pesquisa, com a procura das respostas para os problemas de aprendizagem dos nossos alunos é um dos motivos

maiores da razão de ser um profissional comprometido. Precisamos desta sapiência livre e implicada para que possamos ser professores.

O quarto argumento conjuga-se como verbo *esperançar*, como diria Paulo Freire. Ter esperança em que através da minha ação eu vou fazer uma escola melhor, pessoas melhores, mais sabedoras, solidárias, mais comprometidas com a equidade e a inclusão. Ter esperança não é esperar. É agir, é fazer, é interagir para criar laços de humanidade e fazer do saber (dos saberes) instrumentos de emancipação que permitam a realização máxima possível de todos os seres que nos são confiados.

Ser curioso em relação aos avanços científicos, compreender as relações nos mundos científicos desconectados, saber operar a visão integrada, articulada e holística e experimentar as diversas formas de transmitir, de construir, de fazer despertar a sede e a fome de aprender, uma das virtudes maiores do ser professor.

Sobre a identidade da profissão docente muito haveria a dizer. Telegraficamente, digamos a presença obrigatória da cognição, da emoção, do afeto, e das manualidades que apelam para a modelagem e o fazer criativo. Como também já um dia escrevemos (Alves, 2020), a identidade profissional de um professor é sempre precária e frágil e passa por um extenso campo lexical:

1. Acreditar, 2. Afeto, 3. Alegria, 4. Amor, 5. Autonomia, 6. Autoridade, 7. Beleza, 8. Complexidade, 9. Colaboração, 10. Compromisso, 11. Comunicação, 12. Confiança, 13. Construção, 14. Desafio, 15. Escuta, 16. Esperança, 17. Inclusão, 18. Integração, 19. Investigação-ação, 20. Liberdade, 21. Maternagem, 22. Memória, 23. Mudança, 24. Otimismo, 25. Paternagem, 26. Persistência, 27. Promessa, 28. Redenção, 29. Reinvenção, 30. Serviço, 31. Sorriso. Toda uma pedagogia de alta densidade.

Sobre os valores que têm de constituir a ação profissional não podem deixar de estar a honestidade, justiça [equidade], e o que autor (Day, 2004) chama de sabedoria prática, isto é, um conjunto de saberes, emoções e sentimentos mobilizáveis para intervir na ação concreta, criando condições para que as pessoas e os contextos evoluam, se des_ envolvam de forma crítica e criativa.

Sobre os padrões [de atuação] estruturantes do *modus vivendi* da profissão têm de constar as expectativas elevadas [e realistas], ideais e padrões consagrados pela profissão (só o melhor deve ser feito). E esta prática exige a investigação, o trabalho colaborativo, a procura sistemática de respostas para os problemas sempre específicos,

sempre diferentes porque as pessoas e os contextos têm sempre múltiplas configurações e exigências.

Estas dimensões da profissão podem ser vividas de duas formas tipo: de modo apaixonado ou de modo amargurado. E para além das questões intrínsecas, que podem ser em si mesmas fatores de entusiasmo e de alegria (Alves, 2003), não podemos esquecer os contextos políticos, sociais e organizacionais em que se exerce a profissão e que, muitos vezes, são tóxicos, turbulentos, caóticos e desautorizantes. E, nestas circunstâncias, é óbvio que a vida profissional não pode ser vivida de modo apaixonado e apaixonante. E há, seguramente, muitos professores que sofrem, por variadas razões, nos seus locais de trabalho. E que vivem solitariamente esse sofrimento, podendo levar a situações de esgotamento e abandono profissional.

Acresce, ainda, que sobre o professor e a escola se depositam inúmeras expectativas muitas vezes impossíveis de satisfazer. Como ilustrava o magnífico desenho de Angelina Carvalho, o professor carrega nos seus ombros todo o peso e esperança do mundo. E para não ser esmagado precisa de participar na construção de uma ordem escolar mais colaborativa e mais solidária.



Figura 1 – O professor carregando o peso do mundo

Fonte: Alves, 2000

Em síntese, como nos diz Rubem Alves, “ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo

pela magia da nossa palavra. O professor, assim, não morre jamais...”. E é esta marca indelével que também nos convoca para nos inscrevermos na profissão de modo dedicado, implicado e sensível.

Os contributos dos nossos professores autores que se quiseram associar a esta produção reflexiva revelam muitos destes sentidos. Sem pretensão de exaustividade e em jeito de homenagem aqui inscrevo alguns dos fragmentos mais luminosos:

“Mas eu sentia vocação para o ensino. Eu queria ter o prazer de apresentar o mundo aos miúdos.”

“Vivo a minha profissão com intensidade enquanto projeto de vida sacrifícios, constrangimentos, desilusões, inseguranças, deceções.”

“A paixão da docência vive-se nos seus altos e baixos, recordando que nas lições "falhadas" ainda há uma lição a aprender e que nem sempre é a esperada.”

“Querer conhecer é a essência da profissão. Estudar, problematizar, investigar, são práticas constitutivas da função docente.”

“Acreditar que o conhecimento aperfeiçoa a natureza humana.”

“E recomeça. Cativo da esperança de novas emoções que preencham o desejo maior de saber e de sentir. Abraça a profissão que o agarra. Fascina. Apaixona.”

“Porque sou Professora? Porque o meu coração o soube antes da minha razão.”

“Dentro de cada um de nós há algo que nos pode levar sempre para uma outra dimensão: a do Amor pela Educação.”

“Como professora, senti cedo a chama da vocação e iniciei a minha carreira cheia de sonhos, de energia, de vontade de mudar o mundo através da educação.”

“Precisei de mais de 20 anos para perceber finalmente isto: o professor é melhor professor quando coloca o centro de gravidade da sua profissão nos alunos e não nele e nos programas que tem de dar.”

“Nada nos faz mais felizes do que acompanhar os sucessos e as conquistas (pessoais e profissionais) dos nossos alunos e *alumni*.”

“Move-me, sobretudo, a enorme recompensa emocional que ela traz: o brilho no olhar de um aluno que finalmente percebeu o conceito que explicamos; o sorriso agradecido de quem finalmente se sente incluído; as palavras gratificantes que se ouvem de um pai; a satisfação interna de saber que fizemos a diferença.”

“Fiz-me professora através de uma alegria grande em ensinar, ao perceber que os resultados do meu trabalho são visíveis na evolução dos alunos.”

“Enfim, hoje, à beira da aposentação, muito poderia dizer sobre o encantamento e as agruras de ser professor, lados de uma mesma moeda, sem dúvida!”

“Ninguém será jamais professor, se não amar o outro, se não amar o saber e o fazer aprender – se não amar a humanidade.”

“Com que alimentei esta paixão de ensinar [...]? Confiança nas capacidades deles e nas minhas, o bom humor, a curiosidade pelos seus interesses, a minha disponibilidade, o sentido de compromisso com que exercia as atividades, a certeza de que a Educação é o maior e melhor motor que podemos dar para criar a Igualdade, a coragem para empreender experiências novas e assumir que tinha que estar sempre a aprender.”

Eis alguns dos signos e dos sinais que fazem do ofício de professor “o primeiro de todos os ofícios”:

Ser professor numa comunidade profissional¹

Até aqui, foi pensada a profissão numa lógica de ação sobretudo individual e na interação com os alunos. Mas o modo apaixonado de viver a profissão também pode ser desenvolvido se virmos as vantagens do profissionalismo colaborativo. Se praticarmos a ação profissional num registo denso, confiante e criativo. Como contributo para um

¹ Sequência escrita com a colaboração de Pedro Jesus.

pensar e um fazer mais colegial aqui apresentamos 10 Princípios do profissionalismo colaborativo.

Hargreaves e O'Connor (2018, pp. 6-7) apontam dez princípios do profissionalismo colaborativo, que o diferenciam da colaboração profissional [texto produzido em modo de paráfrase]:

1. Autonomia coletiva: os educadores têm mais independência da autoridade burocrática central top-down, mas menos independência uns dos outros [porque se recriam uns aos outros] e podem afirmar um conhecimento mais robusto, argumentado e sustentado [é o que António Nóvoa vem defendendo há anos: a profissão tem de ser construída a partir do seu interior];

2. Eficácia coletiva: a crença de que, juntos, fazem a diferença nos alunos, apesar de tudo o resto [todos nós somos mais inteligentes do que cada um de nós]. E é também por isso que se vê a relevância estratégica de uma organização da escola com base no conceito de equipas educativas (cf. Formosinho e Machado, Alves e Cabral...). A eficácia da sua ação nas aprendizagens dos alunos é de elevado impacto.

3. Questionamento colaborativo: os professores exploram regularmente problemas em conjunto, questões ou diferenças de prática com vista à melhoria ou à transformação do que estão a fazer. O questionamento colaborativo é uma marca integrante do trabalho diário dos professores. Os professores identificam e questionam-se sobre os problemas antes de os irem apressadamente resolver [desta forma constroem uma comunidade profissional de aprendizagem]. Mas, como é óbvio, esta ação só é viável se a organização prescrever tempos e espaços para o trabalho comum, não podendo existir por geração espontânea individual;

4. Responsabilidade coletiva: as pessoas têm a obrigação mútua de se ajudarem e de servirem os alunos em comum. Trata-se dos nossos alunos e não dos meus alunos [mas isto só é possível, como já enfatizamos, se a escola se organizar em termos de equipas educativas responsáveis pelo mesmo grande grupo de alunos];

5. Iniciativa coletiva: há menos iniciativas [parcelares, esmigalhadas, atomizadas], mas há mais iniciativa [integrada, coerente e consistente]. Os professores tomam a iniciativa e o sistema encoraja-os; comunidades de indivíduos sólidos, comprometidos a ajudar e a aprender uns dos outros;

6. Diálogo mútuo: as conversas difíceis têm lugar e são ativamente promovidas pelos educadores. O feedback é honesto. Existe diálogo genuíno sobre diferenças de opinião válidas sobre ideias, recursos ou comportamentos desafiantes dos alunos. Os participantes são protegidos por protocolos que insistem na clarificação e na escuta antes de que algum desentendimento ocorra;

7. Joint work: é algo que está presente no ensino em equipa, na planificação colaborativa, na ação de pesquisa colaborativa, no feedback estruturado, na avaliação por pares, na discussão de exemplos de trabalhos de alunos, e por aí fora. Envolve ações e por vezes produtos ou dispositivos (como uma aula, o currículo ou um relatório de feedback) e é muito facilitado pelas estruturas, pelas ferramentas disponíveis e protocolos;

8. Significado e propósito comum: aspira a, articula e promove avanços num propósito comum, maior que os resultados nos testes ou que uma conquista académica. Define e compromete-se com objetivos educacionais que permitem e encorajam os jovens a crescer e a desenvolver-se como seres humanos inteiros que podem viver as suas vidas e encontrar um trabalho com significado e propósito para si próprios e para a sociedade;

9. Colaboração com os alunos: nas formas mais desenvolvidas do profissionalismo colaborativo, os estudantes estão ativamente envolvidos com os seus professores na construção conjunta da mudança;

10. Big picture: todos sabem qual é a big picture. Veem-na, vivem-na e criam-na em conjunto [mas para isso, insiste-se, há tempos, espaços e propósitos que a tornam possível].

Hargreaves e O'Connor (2018, p. 32) realçam também que quando surgem inovações em educação verifica-se uma tendência de as divulgar rapidamente sem se procurar compreender as condições para possam ser eficazes. Propõem, por isso, uma regra com o propósito de melhorar o poder fazer, a regra dos quatro B:

i) Before - um esforço de inovação tem mais hipótese de ser bem sucedido se a escola tiver tido experiências de inovação anteriores; o mesmo é verdadeiro com a colaboração - uma nova estrutura ou protocolo de colaboração tem maior probabilidade de êxito se a escola tiver tido experiências prévias de trabalho conjunto;

ii) Betwixt - o foco na colaboração através de, por exemplo, o planeamento, a concretização e o feedback de uma aula aberta não acontece isoladamente - não pode ocorrer numa cultura em que os professores trabalhem sós o resto do tempo;

iii) Beyond - uma escola não vai desenvolver-se tão bem se os seus profissionais apenas colaborarem uns com os outros - os bons exemplos revelam procura de inspiração, evidências e interação com educadores e investigadores de outras paragens;

iv) Beside - na maioria dos casos, se queremos compreender as escolas, devemos também compreender os sistemas em que elas se inscrevem.

[sequência escrita com a colaboração de Pedro Jesus]

Referências

Alves, J. (2000). *O Primeiro de todos os ofícios*. Porto: ASA

Alves, J. (2020) Uma Pedagogia da Confiança. *Uma Pedagogia da Implicação e do Compromisso - Viver a Escola nos tempos da troika*. Porto: Faculdade de Educação e Psicologia. Pp. 7-23

Alves, J. (2021). Professores: luz do mundo, salvação da humanidade, *Público*, 4 de outubro 21, <https://www.publico.pt/2021/10/04/impar/opiniao/professores-luz-mundo-salvacao-humanidade-1979818>

Alves, R. (2003). *A Alegria de ensinar*. Porto: ASA

Barthes, R. (1978), *Leçon*, Paris: Editions du Seuil

Bourdieu, P. (1987). Propostas para o ensino do futuro. *Cadernos de Ciências Sociais*, nº 5, pp. 101-120

Day, C. (2004). *A Passion for teaching*. Londres: Routledge

Meirieu. P. (2018). *Pédagogie : le devoir de résister*. Paris: ESF éditeur

Hargreaves, A. & O'Connor, M. (2018). *Collaborative Professionalism: When Teaching Together Means Learning for All*. Corvin

Entre “primários” e “secundários”

Adília Cruz

Numa pequena aldeia, encerrada entre montanhas, harmonizada na beleza da natureza, na força do rio, na resiliência das suas gentes nasci e cresci a ouvir os meus pais dizerem que, quando fosse grande, eu seria “professora primária”². Socialmente, esta era uma profissão muito respeitada, sendo o/a professor/a e o pároco as pessoas de mais influência e reconhecimento na aldeia. Desejando e esperando o melhor futuro para a sua filha, assim desenhavam os meus pais o meu caminho. Não os contrariando, ia partilhando os meus receios e inseguranças com o meu avô, sempre pronto a um conselho sábio e amigo. Jamais seria capaz de ser professora primária, não conseguiria ensinar meninos e meninas de tão tenra idade, de saber como os cativar para aprendizagem, de garantir que aprendessem a ler a contar, tudo a partir do zero. Jamais teria a paciência, a calma, a resiliência, a técnica para alunos tão pequenos. Eu achava que nunca seria capaz. Mas eu sentia vocação para o ensino. Eu queria ter o prazer de apresentar o mundo aos miúdos, de descobrir talentos e desenvolver habilidades, de ser e incentivar a criatividade, de ajudar a crescer.

Hoje sou professora, não do 1º CEB, mas do 3º CEB e do ensino secundário. A vida encarregou-se de me fazer Professora e, sendo fascinada pelo Planeta, foi na Geografia que encontrei as minhas certezas.

No entanto, a proximidade com professores do 1º CEB tem sido permanente por ter na família docentes desse ciclo de ensino e por acompanhar outros, de perto, no exercício das minhas diversas funções enquanto docente e responsável de órgãos pedagógicos e diretivos. Dessa convivência social e profissional, aumentou a meu reconhecimento e admiração pelo seu trabalho, com a certeza que não conseguiria o mesmo desempenho. Contudo, igualmente como professora, vivo a minha profissão com intensidade enquanto projeto de vida, por sentir ser a inspiração do outro, ter a paixão pela educação, que a educação pode mudar o mundo, gostar de ensinar e de cuidar, conseguir colocar-me no lugar do outro (eu sou porque tu és), gostar de estar

² Professora do ensino primário

em constante aprendizagem, adorar acompanhar e ver crescer, gostar de construir relações interpessoais, trabalhar num mundo desconhecido em constante reinvenção.

Viver a profissão com paixão não impede alguns sacrifícios, constrangimentos, desilusões, inseguranças, decepções. Com quase 30 anos de serviço, na minha terceira Escola há poucos meses e com vivência de experiências diversas e inúmeras, não deixo de ser negativamente surpreendida a cada instante. Como, por exemplo, aperceber-me de determinados preconceitos dentro do universo docente face a determinados ciclos ou grupos de docência. Sentem-se nas escolas ambientes de pura discriminação com determinados grupos, nomeadamente, os “primários”, do grupo de recrutamento 110, ou os docentes do grupo de recrutamento 910, subvalorizados na sua formação e competência e muitas vezes barrados a cargos e responsabilidades na organização escolar.

Na minha experiência profissional, lamentavelmente, assisti e vivi situações que me embaraçaram e marcaram, resultando em ambientes profissionais tóxicos e nada dignificantes, que contrariam a política de criação de comunidades educativas colaborativas e inclusivas, iniciada com a própria exclusão de docentes.

Isto acontece, principalmente, em grandes agrupamentos, com estes níveis de ensino a serem ignorados no seio da organização escolar, quer silenciando as suas vozes e desvalorizando os seus contributos, quer impedindo o seu acesso ao convívio e trabalho entre pares e entre lideranças. Quando isto não acontece, deve-se ao esforço e coragem dos envolvidos em resistir e se impor, quer pela sua competência, quer pela total disponibilidade e amor pela escola. Mas nem mesmo nessa circunstância e nesse reconhecimento, os pares facilmente aceitam e seguem os seus contributos, por se sentirem “ultrapassados” por alguém “inferior” na hierarquia docente que interiorizam. Esta é uma realidade vivida nas escolas e que merece o nosso (profissionais da educação) repúdio.

Eu mesmo vivi situações que me surpreenderam, desde propor docentes do 1º CEB para liderar grupos de trabalho e ou projetos de escola e/ou nacionais e estes serem contestados por serem docentes do 1º CEB, podendo essa liderança causar desconforto aos docentes de outros ciclos, ou propor para cargos diretivos e serem desvalorizados, apenas porque pertencem a esse nível de ensino, apesar do reconhecimento de um excelente currículo académico e profissional e do perfil compatível com os cargos. Uma

colega estava mesmo convencida que professores do 1º CEB não podiam exercer, por exemplo, o cargo de diretor/a.

É triste reconhecer que após a implementação de tantas políticas educativas direcionadas para a inclusão e para a igualdade, ainda continuamos a considerar os professores “primários” e “secundários” como professores de distintos níveis de conhecimento e responsabilização.

O ser professor é uno para quem ama e se empenha na profissão, independentemente da faixa etária da população alvo, ou do espaço físico onde trabalha.

Nesse papel de professora, qualquer que seja a função, quero manter o encantamento por esta profissão, no respeito e valorização do outro, para continuar a acreditar e a sonhar num mundo melhor. Ser professor é isso mesmo: acreditar, melhorar e sonhar...e o futuro é já hoje.

Paixão (segundo uma professora)

Alexandra P. Carneiro

Informa o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [consultado em 10-10-2021] que a palavra designa, entre outros significados,

- Perturbação ou movimento desordenado do ânimo. O que sentimos quando, na aula, os alunos se entusiasma e se envolvem com o que está a acontecer, reagem, respondem, perguntam, desafiam e se apaixonam!

- Grande inclinação ou predileção. A forma como falamos dos nossos alunos, a preocupação que temos com os que têm dificuldades, o orgulho que sentimos quando se superam são evidência de que a docência é uma atividade de paixão.

- Afecto violento, amor ardente. O nosso pensamento está, a maior parte do tempo, nos alunos e nos modos como vamos conseguir levá-los a aprender e a desenvolver o seu potencial, como ajudá-los a tornarem-se conscientes e responsáveis do mundo que os rodeia.

- O objecto desse amor. Os alunos. O conhecimento. O ensinar. A(s) possibilidade(s). Por esta ordem? Qualquer ordem já que formam um todo, sem começo nem fim.

- Cuidado, trabalho. O centro das preocupações e ações são os alunos e a manutenção de um ambiente de aprendizagem onde possam aprender com os erros e a partir da realidade contextualizada. Disponibilidade para aprender com os alunos e com sentido de humor. Sentido ético e de equipa em todos os momentos.

A paixão da docência vive-se nos seus altos e baixos, recordando que nas lições "falhadas" ainda há uma lição a aprender e que nem sempre é a esperada. Ser professor é abraçar as possibilidades de futuro que cada aluno representa e que a cada aula se potenciam. Como professores, a nossa aprendizagem é contínua. E a paixão, inesgotável.

Referências

Berger, R. (2003). *An Ethic of Excellence: Building a Culture of Craftsmanship with Students*. Heinemann.

Day, C. (2004). *A Passion for Teaching*. Routledge.

Fried, Robert L. (2001). *The Passionate Teacher: A Practical Guide*. Beacon Press.

Uma Profissão que me calhou

Ana Gomes

Nunca tive outra profissão. Quis ter muitas, mas foi esta a que me calhou. Não a escolhi com consciência, não houve um dia, nunca, em que tenha dito “É isto que quero: ser diretora pedagógica nesta escola”. Foi uma espécie de herança de família, filha de um professor universitário e de uma professora primária e diretora da escola que os dois abriram. Mas não é essa a história que interessa, não é da minha profissão que quero falar. Mas de como esta não escolha (podemos fazer de conta que não escolhi, não podemos?) me tem dado a oportunidade de trabalhar lado a lado com tantos professores que o são por e com paixão.

Professores que se batem por uma avaliação justa dos seus alunos, porque querem valorizar as aprendizagens de todos. A quem faz muito sentido não avaliar um peixe pela sua competência para subir uma árvore... E a quem faz sentido avaliar esta competência do pássaro, mas mostrar-lhe que o peixe é mais competente a nadar.

Professores que não querem trabalhar com alunos sentados e calados na sala de aula. Preferem-nos irrequietos nas cadeiras, debruçados sobre as mesas e com vozes sempre ativas e audíveis nas partilhas e contributos que dão a cada momento de aprendizagem. Porque sabem que o silêncio não significa aprendizagem e que as crianças precisam de se mexer.

Professores que não fecham a porta da sala de aula, porque assim todos podem entrar. Porque sabem que é com os outros que cada um de nós pode ser melhor – com os outros professores, com os outros alunos.

Professores que fazem de cada espaço da escola e de tantos espaços fora dela espaços de aprendizagem. Não se deixam limitar pelas paredes da sala nem pelos muros da escola. Porque querem que cada um dos seus alunos aprenda para e com a Vida.

A estes professores, perguntei várias vezes porque fazem assim. A perplexidade com que ouvem a pergunta mostra bem o que lhes vai no coração e no pensamento: ser professor com e por paixão tem de significar colocar o aluno no centro de tudo. Subjugar a ação pedagógica à ação educativa. Refletir numa e noutra, procurando nelas os comportamentos que tornam visíveis os valores que se têm. Não parar nunca de aprender, porque há sempre outras formas de fazer aprender, e são sempre precisas

outras formas de fazer aprender. Encontrar em cada certeza um mar de novas dúvidas. Acreditar, todos os dias, em cada aluno e na sua capacidade para aprender e para se superar. E nunca deixar nenhum aluno duvidar que é gostado, que é importante, que é por ele que o professor desenvolve a sua ação pedagógica e educativa.

Estes professores põem-me todos os dias no meu lugar: bem na retaguarda desta força passional, responsável por assegurar um contexto de apoio e incentivo, que lhes permita continuar a trabalhar assim. E este meu lugar não é desprovido de paixão: todos os dias me apaixono pelo desenvolvimento dos “meus” alunos e dos “meus” professores!

É como ter Ricardo Reis presente a cada dia: “Para ser grande, sê inteiro: nada / Teu exagera ou exclui. / Sê todo em cada coisa. Põe quanto és / No mínimo que fazes. / Assim em cada lago a lua toda / Brilha, porque alta vive”.

Uma profissão única.

Ana Luísa Melo

Com alguma frequência, perguntam-me se gosto da minha profissão. Respondo que sim, que gosto, que gosto muito. Olham-me desconfiados e eu, sorrindo, confirmo que sim, que a adoro. Se a conversa se desenvolve, agrada-me explorar essa resposta. Caso isso não aconteça, o sorriso fica em mim e as razões e sentimentos, também.

São várias as razões pelas quais me reconheço professora. Respirei a docência em casa, sabia como era. Agradava-me o entusiasmo que percebia nas narrativas do quotidiano escolar e, sobretudo, o vínculo entre professor e aluno. Ainda que não o soubesse na época, hoje compreendo o efeito mágico desta atmosfera ao longo do meu crescimento. Com liberdade e convicção abracei a docência.

Há razões que me fazem gostar muito de ser professora. Há sentimentos que me fazem amar esta profissão.

A razão maior será o gosto pelo saber. Ser professor é encontrar no próprio conhecimento, um fundamento de ação profissional. Querer saber, querer encontrar a lógica, querer a explicação, querer abarcar o sentido da maravilha do mundo é, verdadeiramente, ter amor ao conhecimento. Querer conhecer é a essência da profissão. Estudar, problematizar, investigar, são práticas constitutivas da função docente. É possível que alguém investigue, estude e problematize não sendo professor; porém, o inverso não é verdade. Estas ações inscritas no professor projetam o futuro, assegurando o progresso e bem-estar das sociedades.

Uma outra forma de fundamentar a ação docente passa por acreditar que o conhecimento aperfeiçoa a natureza humana. Quem é professor, é professor de alguém, alguém que deseja aprender. Querer aprender é querer acrescentar; é querer ir além do que se é e do que se sabe. Ser professor é saber-se parte da evolução do Homem. É no fundo, ser construtor de Humanidade.

Para além destas razões que me fazem gostar de ser professor, há toda uma experiência interior, única e íntima que alimenta esta profissão tão humana, tão antiga, tão existencial. É uma experiência sentimental, intransmissível. É um património afetivo que se vive. São sentimentos que acompanham a vida de quem é professor guardados com recato, com carinho, entesoirados no coração.

Em momentos de desânimo - e também os há - esses sentimentos são o fogo que ilumina a ação docente porque um professor é um promotor de encontros. Perante o aluno, seduz a sua curiosidade, estimula o seu interesse, desperta o seu intelecto. Fascina-se com esse despertar. Apaixona-se pela profissão.

É generoso. Não se é professor no vazio. Ensinar e aprender supõem esta relação, esta proximidade no objetivo comum de “ser para outro” que se quer maior. Por isso, ser professor é trabalhar no encontro de almas que vivem uma cumplicidade única não comparável a nenhuma outra.

Mas há mais, muito mais do que a generosidade. É que um professor compromete-se, vincula-se. Sente-se nos professores um genuíno compromisso ético. Ensinar é preparar o outro para o voo livre e essa consciência exige implicação e responsabilidade.

É reflexivo. Reflete sobre a sua ação, relaciona-se com os pares, partilha as práticas, aperfeiçoa-se no seu mister, pautando a ação profissional pela concretização do bem. O ofício de professor não é solitário, isolado, atomista. Consiste numa procura de Verdade que só tem eco *na* relação.

É humilde. Experiente, mas humilde. Mais capaz de valorizar o que não sabe, o professor valoriza os pequenos momentos, detalhes de um universo em que é feliz. O prazer de uma aula conseguida, uma gargalhada em conjunto, o brilho de um olhar, o silêncio após um comentário são momentos de puro deleite da vida docente. Serão estas, porventura, as intensas *ilhas de felicidade* faladas há muito por um professor.

É, ainda, um resistente. Persiste nele o foco, o objetivo, a missão. Na adversidade do quotidiano, na difícil gestão do tempo, das expectativas, das emoções e dos sentimentos, há desalento, mas não abandono da vocação. Há cansaço, mas não renúncia. Responsável, revive o peso de um encargo que vai fazê-lo recomeçar.

E recomeça. Cativo da esperança de novas emoções que preencham o desejo maior de saber e de sentir. Abraça a profissão que o agarra. Fascina. Apaixona.

Professora - antes de ser já o era

Ana Paula Silva

Tive a imensa sorte de ter uma mãe que, desde muito cedo, me ensinou que somos sobretudo porque sabemos ser. Com ela aprendi a estar atenta. A ver primeiro o grande quadro e depois o detalhe. Com ela percebi que ler me elevava e os livros podiam ser uma forma de libertação.

Muito sensível às injustiças sociais, dizia-me baixinho (porque no tempo da ditadura “as paredes tinham ouvidos”) que a primeira fidelidade com que temos um compromisso irrevogável é com os nossos princípios e com os limites da nossa dignidade.

Tive também a fortuna de viver num espaço urbano com características de comunidade. Assim cresci com um grupo de jovens da minha idade que não tiveram a sorte de ter em casa “uma professora “como a minha mãe. Alguém que os despertasse para importância da Escola, de procurar conhecimento esclarecido para fundamentar uma opinião identitária. Alguém que assumisse a responsabilidade de trabalhar o terreno da mente onde a Escola semearia as raízes de um futuro melhor. Alguém que os desafiasse a procurar respostas às muitas questões que surgem na moratória adolescente. E foi, ao perceber isso, que valorizei mais a minha mãe, a Escola e os Professores. Gostava de os desafiar a pensar além.

A minha estrelinha sortuda acompanhou-se durante toda a minha vida de estudante. Recordo com muito afeto a minha escola primária e as minhas carinhosas e estimulantes professoras. No “liceu” experimentei regras demasiado restritivas, professoras demasiado cristalizadas num *satus quo* que só elas não percebiam já era bafiento. Mas conheci também professoras maravilhosas e inspiradoras que persistiam num ensino diferente enfrentando (como podiam) os olhares e as vozes das que só se sentiam confortáveis no prolongar o legado que herdaram. Tive impactante admiração pelas “professoras brisa-fresca “como a professora de História ou de Filosofia e, pasme-se, a professora de Latim que provava todos os dias que o conhecimento clássico ensinado pela pessoa certa era mais pertinente, reflexivo e grávido de novos conhecimentos que as ciências modernas ensinadas por professoras de postura

pedagógica “esclerosada “. Estas abriram a porta para o germinar do meu projeto de vida.

A faculdade trouxe-me a certeza de que aprender colaborativamente seria não só o meu objetivo de vida profissional, mas a certeza que podia ganhar a vida de uma forma apaixonante. E este é o maior projeto de vida que podemos ter ... Lá organizei grupos de estudo, pois os recursos eram escassos e caros e por isso era inteligente partilhá-los. Sendo boa aluna “ensinei “e aprendi mais. Os meus apontamentos, das diferentes cadeiras, circulavam na turma e dava-me um prazer imenso esclarecer a todos as minhas notas pessoais e reflexivas. Adorava partilhar e ficava muito contente com as conquistas dos colegas. Nunca pensei o mérito como competitividade, mas como última etapa de um percurso de diferentes conquistas.

Saí da faculdade com um propósito de ação: ensinar bem para aprender todos os dias. Era mais do que um sonho era uma paixão com um imperativo ético e um compromisso auto firmado. Gosto de pensar que o tenho cumprido. Vinícius de Moraes afirmava que “todo o amor é eterno ...enquanto dura!!” Também aqui sou uma professora com sorte. Tenho tido motivos para alimentar esta paixão todos os anos dos trinta oito que já levo como professora.

Não digo que não encontrei muitas pedras no meu percurso profissional ... Pessoas que não honra(ra)m a mais fabulosa das profissões (como existem em todas as profissões), lideranças que se serviam e não eram servidoras, pedregulhos legislativos incoerentes, administrativamente pensados sem qualquer utilidade pedagógica ou pedras no coração, por exemplo quando alunos ficam à porta do seu sonho académico por décimas, como se tudo o que fizeram no seu percurso escolar fosse desprezível. Mas tive também a felicidade de ter encontrado colegas incríveis na dedicação, no sentido de missão, no empático tato pedagógico, de ter tido um oceano de aprendizagem humanística e docente com todos os alunos que já tive. Com todos aprendi.

Com os melhores, o prazer de ver multiplicado por muito a sua facilidade em aprender. Com os que demostram dificuldade aprendi a olhar para o seu problema e não os ver como problema, a encarar o seu falhanço como o meu falhanço, a perceber a resiliência como uma ferramenta pedagógica, a celebrar as suas pequenas conquistas e reclamar a minha pequena contribuição como motivação para outros desafios.

Com os que não olham para a Escola como um lugar onde sempre queremos voltar, como uma obrigação e não como forma de crescimento e libertação, aprendi que a paixão pode ser contagiosa, que gostar de aprender não está no ADN, está em cada olhar que eu capto na paixão de quem ensina. Como eu bebi no olhar da minha mãe.

Porque sou Professora? Porque o meu coração o soube antes da minha razão. Limitei-me a seguir a sorte que me levou ao ensino.

Porque permaneço? Porque ainda me comovo quando ouço: “professora lembro-me tantas vezes das suas aulas !!”

Porque muitas profissões são farinha da construção vocacional de uma pessoa, mas só o professor é o fermento da pessoa inteira, plena.

A Paixão de Ser Professor: as manifestações do amor

António Miguel Ralha Portugal

Há várias razões e sentimentos para viver com paixão a profissão de professor. Desde logo, a extática sensação – será ilusão? – de fazer ser. Tudo quanto somos e sabemos, ali, diante daqueles já milhares de jovens, parece contribuir para gerar melhores e maiores seres humanos. E isso é bom. O étimo latino *educare*, enquanto “alimentar”, aponta justamente para um dar, uma dádiva imensamente importante, por vezes mesmo decisiva, que liberta a criança e o jovem da mediocridade, da superficialidade dos saberes, do dogmatismo telúrico, da agressividade animalesca. Livre para quê? Para a edificação de um ser humano, de um novo ser humano, em busca do sentido. Os conhecimentos científicos então produzidos na área da educação transformaram esta “refeição”, num “self-service” assistido. O professor não dá mais alimento, mas assiste, apoiando, a procura do alimento e a alimentação. *O professor é um guia ao lado do aluno e não o mestre no palco.* O étimo grego *paidagogos* sugere mesmo este “levar a criança à escola”, à aprendizagem. A profissão de professor torna-se ainda mais apaixonante quando o professor se transmuta de mestre em guia.

A paixão de ser professor acontece, sobretudo, quando se consegue fazer ser aqueles que têm um percurso de vida árduo, socialmente deficitário, pobre de alma e corpo, os descamisados da escola. Estes são os que mais necessitam do forte apoio do professor, de um professor empático, humano, dialogante, tolerante, orientador, inspirador.

Os novos desafios constantes daquele que é um eterno estudante fazem do múnus de ensinar e fazer aprender um conjunto de ações multifacetadas, plurais, nos antípodas do tédio. A complexidade da ação profissional é também um fator apaixonante.

As emoções são fortes quando se é professor. O aluno que não quer aprender e é preciso trazer à aprendizagem. O aluno que lhe custa aprender e precisa de apoio. O aluno que aprende de maneira diferente e é necessário identificar e municiar o seu estilo de aprendizagem. O aluno que não tem as melhores – por vezes as mínimas – condições sociais para aprender e... sentimo-nos tantas vezes impotentes! E clamamos por um sistema integrado de educação e apoio à parentalidade, que comece desde o

nascimento, com um apoio constante, multidisciplinar, àqueles mais desfavorecidos relativamente ao desenvolvimento psicossocial e emocional consonante com uma construção inteira de ser humano. Mais uma vez, os descamisados da escola. É necessária intervenção social precoce, de apoio às famílias, para que a escola proporcione mais mobilidade social e seja menos reprodutora de desigualdades.

As emoções são fortes quando se procura incluir todos e cada um, independentemente das suas características físicas, psíquicas, sociais e culturais. Mas as razões também sobram. Porque ser professor é ser um edificador de humanidade, na sua complexidade, na sua diversidade e, para tal, há que estar na posse do ideário histórico-filosófico que fundamenta esse espírito de inclusão e paixão pelo outro e fazê-lo passar às gerações vindouras.

Ser professor é apaixonante, pois ser professor é ensinar a viver em conjunto. Todas as experiências planeadas, circunstâncias vividas em sala de aula e no recreio, a interação com os jovens, permitem sistemática ou espontaneamente ensinar a ser melhor concidadão, na complexidade que urde a urbe dos nossos dias.

Esta paixão de ser professor é sustentada por razões inegavelmente cogentes, que tornam a profissão uma das mais fundamentais para a humanidade. Formar pessoas. Para a economia. Para a sociedade. Para a história. Para a política. Para a arte. Para ser e estar com outros. (Numa altura em que o envelhecimento da classe docente e a falta de atratividade generalizada para o acesso a formação superior para a docência põem em causa o futuro de um ensino de qualidade na próxima década em Portugal, há que lutar seriamente contra este *status quo*. Melhorar as condições de trabalho dos professores e convencer a sociedade – os pais e os jovens – da nobreza da profissão de professor!)

«Re-nascido, ele conhece, ele tem piedade. Finalmente, pode ensinar» (Michel Serres). Ninguém será jamais professor, se não amar o outro, se não amar o saber e o fazer aprender – se não amar a humanidade.

A Paixão de Ser Professor: razões e sentimentos

António Quaresma Coelho

Pessoalmente, entendo que não há uma única razão (lógica e compreensível) para viver com paixão a vida de professor. Foi assim que entrei para a profissão docente, com todo o gosto, e é assim que continuo a estar nela.

Afirmo-o pelo simples facto de que não vivo, nem sinto, a vida de professor, ou a vida em geral, com paixão. A paixão é um sentimento que nos tira do centro, torna-nos dependentes do objeto, pessoa ou contexto pelo qual nos apaixonámos. Felizmente, não sinto paixões!

O Amor, ao contrário da paixão, é um sentimento que nos centra, torna-nos livres e autónomos, predispostos a viver uma vida sem dependências e amarras emocionais. Se isto é algo que na vida é de enorme importância, na profissão docente (ou noutra qualquer) também, obviamente.

Poder-se-á perguntar, então, como é que eu vivo a profissão de professor.

Tentarei explicá-lo. Muito resumidamente, diria que de um modo ético, simples, empenhado (com determinação), com amor e a partir de princípios e valores que considero fundamentais serem assumidos por quem, como eu, fez uma escolha consciente por esta profissão (reforço-o).

Quanto aos PRINCÍPIOS, apontarei três:

1. Fazer tudo o que estiver ao meu alcance, no seio da organização a que pertença e com os alunos com quem interajo mais diretamente, para **que nenhum aluno seja deixado para trás e que nenhum aluno seja impedido de progredir**, expressando o seu potencial e centros de interesse.
2. Contribuir ativamente para a **melhoria do sistema educativo, da escola e das práticas pedagógicas**.
3. **Construir uma inovação sustentável e bem fundamentada**, na lei e na ciência, criando novas realidades relacionais e construções sociais em torno da aprendizagem.

No que diz respeito aos VALORES, sustento a minha ação em quatro:

1. **Autonomia**: a capacidade de um indivíduo e de uma organização fazer escolhas próprias de modo a gerir a sua vida. Ser autónomo não se expressa no

isolamento, mas, pelo contrário, na relação com o outro. A autonomia assume-se, então, como um valor relacional, pois não se é autónomo longe dos outros e sem uma filosofia do diálogo e da proximidade. O isolamento leva-nos para a autossuficiência, uma característica muito presente em inúmeros professores que se sentem donos e senhores da sua sala de aula (próprio da escolástica), fazendo o que querem e lhes apetece ou cumprindo, de forma mecânica e impessoal, o que lhes dizem que têm de fazer...

2. **Compromisso:** a capacidade de estabelecer vínculos, trabalhando **COM** e não **PARA**, assumindo o que dizemos querer fazer, melhorando e retificando trajetos e percursos, através de uma avaliação processual e aferidora (interna e externa – ao indivíduo e à organização), fundamental para a melhoria.
3. **Responsabilidade:** a capacidade de responder pelos atos praticados, definidos como uma incumbência de ação. A responsabilidade é, então, um princípio ético relacional para consigo próprio, os outros e a comunidade, que se expressa através da coerência entre o discurso (escrito ou oral) que valoriza o projeto de ação educativa da organização-escola em que me insiro.
4. **Afetividade:** a capacidade para estabelecer relações empáticas, não perdendo tempo (tranquilamente) com o que (ou quem) nos pode descentrar e, ao mesmo tempo, tornando visível o modo como se olha para o mundo e agimos no seio dele. A afetividade para ser verdadeira, é positiva e bem-humorada, ajudando a mudar realidades e a ultrapassar obstáculos.

Esta é a minha forma de estar na profissão (sendo resiliente e nunca desistindo), pois acredito, profundamente, que dentro de cada um de nós há algo que nos pode levar sempre para uma outra dimensão: a do Amor pela Educação, sendo Educador.

Ser Professor: de onde vem a paixão?

Carmo Cruz

Tenho 80 anos e sou professora há setenta. Mesmo com esta idade, quando tenho que indicar a profissão, digo sempre que sou professora. Sei que, tal como ser Mãe, serei professora até morrer e espero sentir sempre a mesma paixão.

Quando eu tinha 10 anos, o meu pai precisava de tirar a carta de condução, mas só tinha a terceira classe e a habilitação necessária era o antigo segundo grau, isto é, a quarta classe. Após várias tentativas frustradas em escolas dedicadas a esta actividade e depois de obter vários exemplares de exame-tipo, o meu pai encarou-me e disse-me:

- Quem me vai ensinar és tu!

Estudei os exames, comecei por lhe ditar vários tipos das redacções possíveis e analisei o verdadeiro “monstro”: as provas de aritmética. Cheguei à conclusão de que as perguntas tinham como fulcro dois problemas: saber quanto custaria determinada quantidade de um produto quando se conhecia o preço do quilo e, por outro lado, que quantidade se poderia comprar quando se sabia o preço do quilo e a quantia disponível para a compra.

Tratava-se de recorrer a uma multiplicação e a uma divisão e o difícil foi convencê-lo de que se multiplicava mesmo quando a quantidade era inferior ao quilo. Metia casas decimais, vírgulas, mas depois de lhe mostrar que, quando se queria saber quanto se gastava, bastaria multiplicar e quando se queria saber quanto se poderia comprar, bastaria dividir, o meu pai tornou-se um às a problemas. O exame foi um sucesso e em breve toda a gente conhecida sabia quem tinha feito o “milagre”...

Fiquei fascinada com a sensação de ter conseguido ensinar alguém e nem o longo intervalo entre o fim do ensino primário e a minha entrada no liceu (quatro anos) amorteceu aquele sonho. Sonho que eu não deixava de alimentar, ensinando quer me pedissem ou não, pois entre os hóspedes quase analfabetos da pensão do meu pai, não faltavam candidatos.

Não falarei do longo e penoso percurso que tive de percorrer até Maio de 1963, já com um brilhante 7.º ano de Letras feito, quando me pediram para ensinar umas meninas de sociedade que os pais esperavam “domar” internando-as num colégio religioso, em Malanje. Só o primeiro encontro foi difícil. A minha paixão por ensinar

estava bem latente, os resultados viam-se, a recomendação para ensinar oficialmente era constante (Malanje era uma cidade pequena), a informação de que eu tinha sido “a aluna mais bem classificada da Província de Angola”, tudo se conjugou para que, em 22 de Setembro desse ano eu fosse professora provisória na Escola Comercial de Malanje.

Mas não passava de “uma professora de Macau”, como se dizia então das coisas que não tinham qualidade. Queria ser uma professora a sério, como eu dizia, o que implicava vir para Portugal. Casada e com dois filhos. Pondo de lado particularidades, em 1970, como bacharel, era professora de Inglês e de Alemão no Colégio Castilho, em S. João da Madeira, e “explicadora oficial” de Os Lusíadas a filhos de emigrantes que estavam na Venezuela. Eu adoro Os Lusíadas, tinha tido uma Professora extraordinária, a Dra. Hermínia Roberts, parece que conseguia transmitir o meu entusiasmo àqueles jovens que vinham para Portugal estudar, não me faltavam candidatos a explicações. Foi tempo de uma paixão bem paga...

Seguiu-se o estágio pedagógico em 1973-74, a profissionalização, a efectivação, um curto período de mudanças até me “instalar” na Escola Comercial Oliveira Martins, logo a seguir à Revolução. Aí, na Direcção da Escola, tinha a meu cargo os cursos nocturnos, então com muitos alunos. Na Oliveira, como dizíamos, recebi um dos mais bonitos diplomas: eu era a Senhora da Noite! Quantos problemas familiares e económicos ouvi, quantos raspanetes maternais passei a alunas muito jovens sem grandes referências, quantas vezes tive que defender os alunos contra professores! Porque me sentia responsável pelos alunos, mesmo adultos, apesar de ainda não ter conhecido alguém que proclamava o que eu já via e sentia: ser capaz de ver as pessoas que existiam nos alunos.

As provas de afecto, de apreço, fazem parte da tal pasta de “Os meus melhores Diplomas”, a que se juntam os que se seguiram na Minha Escola: A Escola Secundária Filipa de Vilhena! Como fui feliz nesta Escola! Como foi gratificante ser professora de alunos da noite e, finalmente, nos últimos seis anos, de adolescentes! Quantas recordações, quantas partilhas, quantas confidências, quantos dramas reais e outros apenas próprias da idade!

Fui professora de Técnicas de Tradução de Inglês, mas orgulho-me de dizer, sujeitando-me a críticas, que me preocupava mais com o que eles sentiam e a forma

como reagiam àquele tempo de crescimento, do que às classificações. E depois? Depois, nunca tive alunos e alunas tão interessados, tão dispostos a ensinar-me.

Sim, a ensinar-me, porque eu, que mal tinha tido tempo para ser criança, eu que não tinha sido adolescente, precisava de saber, queria saber, o que era importante para eles: de que canções gostavam, o que procuravam naqueles primeiros concertos musicais, o que liam ou por que não liam, o que queriam fazer no futuro, como viam a Escola, como se sentiam quando acontecia o divórcio entre os pais. Eles ensinavam-me e eu tinha que aprender para responder às situações. Às vezes, com noites sem dormir para decidir: o que fazer quando uma aluna “arranja” maneira de, em todas as aulas, dizer mal do pai? Mas também a conter o sorriso quando, perante um “Calem-se! Já chega!” nos respondem com um sorridente “Professora, são as hormonas a funcionar!”

Meu Deus, fica tanto por dizer! Os jantares mais ou menos anuais para recordar, as visitas para mostrar o cônjuge e os filhos, os parabéns no aniversário, as recordações do Marido que era Professor nas mesmas turmas, as trocas de mimos no Facebook, ser tratada na rua por Professorinha...

Terminei a minha carreira profissional em Agosto de 2003, na Filipa onde fui, mais do que qualquer outra coisa, uma professora feliz. Viúva subitamente, e sem a escola, senti-me sem chão. Por isso, logo no dia 13 de Abril de 2004, uma segunda-feira, estava a ensinar tudo o que sabia a dezenas de crianças moçambicanas e às suas mães. A estas ensinava a organizar a economia doméstica, a confeccionar alimentos com o que havia e não a pensar no que faltava, a tirar algum proveito de pastéis salgados e doces, fáceis de cozinhar e de guardar, a criar um negócio. Ensinei a plantar couves e alfaces, a fazer bolos. Criei uma Escola Profissional, ensinei a fazer horários, dei formação a professores, aprendi o hino nacional moçambicano para o ensinar aos alunos, à entrada, às sete da manhã.

Em 2007 estava na Casa “André Luís”, em Viana, Angola, num autêntico retiro espiritual entre embondeiros seculares e mangueiras frondosas e de produção prodigiosa, que matava a fome às crianças órfãs que me entregaram para alimentar e ensinar a ler. A escola era debaixo de um embondeiro, claro, e sob uma velha cobertura de camioneta, a secretária uma mesa de plástico e algumas cadeiras, poucas, para usar à vez. O quadro era um pedaço de cartão duro mas tinha giz...

Ensinei-as a ler, a contar, a escrever o nome, a fazer contas com pedrinhas e pauzinhos, mas primeiro quis que soubessem que eram pessoas: com um nome, a saber que teriam a sua comida e não precisavam de roubar a dos outros, que bater não resolve nada em termos de aprendizagem, que as melhores profissões não são, obrigatoriamente, as que permitem usar arma, uniforme e bater.

Até 2013, andei por Moçambique e Angola, e muito tive que aprender para poder ensinar: inglês médico, cursos de redacção em Português, cursos para recepcionistas em serviços hospitalares, tudo integrado num projecto a que chamei “E se fosse eu? Humanização de Cuidados Clínicos”.

Neste momento, acompanho, via Facebook, o grupo “Sintaxe e Semântica de Português” com 120 000 membros. A minha metodologia é paciência, paciência, paciência e muito Amor. A eles e à nossa língua.

Com que alimentei esta paixão de ensinar que desafio a comprovar junto dos meus alunos? Confiança nas capacidades deles e nas minhas, o bom humor, a curiosidade pelos seus interesses, a minha disponibilidade, o sentido de compromisso com que exercia as actividades, a certeza de que a Educação é o maior e melhor motor que podemos dar para criar a Igualdade, a coragem para empreender experiências novas e assumir que tinha que estar sempre a aprender. Nem que fosse a fazer profiteroles, se isso os fizesse felizes e interessados pela Escola...

Bendito seja Deus por me ter feito Professora!

A Paixão de Ser Professor: a educação pode mudar o mundo

Carla Noronha

Há várias razões e sentimentos para viver com paixão a profissão de professor.

Tornei-me professora porque a profissão me escolheu. Não se trata apenas de ser quem somos, mas do que estamos dispostos a chegar a ser.

Sou possuidora de um currículo de toda uma vida no mundo da educação: filha, sobrinha e neta de professores, aluna, professora, diretora pedagógica e mãe.

Desde que me lembro vivo rodeada de livros, de material escolar, de conversas em torno de planificações, de avaliações e de aprendizagens. Em casa falava-se da escola como uma entidade preditora de sucesso, os professores eram uma espécie de elite social a quem todos deviam respeito e até obediência, os alunos eram uns privilegiados porque tinham acesso direto ao conhecimento e seriam os únicos capazes de abrir as portas a um futuro risonho e seguro. Nem sempre obedeci aos professores, nem sempre o futuro daquele passado foi efetivamente risonho, como a vida encarregar-se-ia de me mostrar e provar.

O ano “começava” em outubro e isso organizava toda a nossa vida em períodos letivos, formatando o mundo familiar, laboral e pessoal. O mês de janeiro era uma espécie de transição em termos de desenvolvimento pessoal, marcado pelo comprometimento de responsabilidade, de mudança, de adulez, projetado nas doze passas que, nem sei bem porquê, sentíamos que tínhamos obrigação de engolir. O mês de julho era a libertação, era a aventura, era o fim de linha, marcado por um tempo sem fim que dava para tudo fazer, até aborrecer. O mês de outubro era a rotina, o trabalho, a resiliência, a saudade de não fazer nada, mas era também a curiosidade pelos professores, pelos colegas, pelo horário, pelas matérias, pelo futuro que estava para vir.

Como aluna conheci o sucesso, a motivação, a superação, a alegria, a confiança, mas também o fracasso, a preguiça, a revolta, o desalento e, não raras vezes, a falta de sentido.

Como professora, senti cedo a chama da vocação e iniciei a minha carreira cheia de sonhos, de energia, de vontade de mudar o mundo através da educação. Foram muitos os momentos de alegria, de motivação, de superação, de esperança e de sentido

de dever cumprido. Mas, também, foram muitos os momentos de cansaço, de desânimo, de impotência, de desesperança.

Mas ser professora é carregar na vida as vidas de tantos outros, com toda a responsabilidade que daí possa advir. É ter a capacidade de nos reinventarmos a cada ano que passa, porque todos os anos encontramos novas vidas para tocar, sentir e transformar. É poder passar de aluno a professor, continuando a sentir e a saborear o gosto por aprender e ensinar. É descobrir talentos e ter a consciência, como nos assegura Ken Robinson, de que descobrir a nossa paixão muda tudo. É ser grata aos pais e cuidadores por nos entregarem o que de melhor têm. É ter a capacidade de trabalhar em comunhão com os outros, unindo esforços colaborativos, tendo a capacidade de ouvir e de se fazer ouvir. É ter a noção clara, tal como tive no primeiro dia de aulas, enquanto professora, que efetivamente a educação pode mudar o mundo. Não conheço propósito mais nobre e motivante para acordar todos os dias e ir trabalhar.

Amar, Acreditar, Re-nascer

Carlos Café

O que é para mim ser professor? Vou tentar responder destacando as três dimensões que, de entre muitas outras possíveis, me ocorrem como fundamentais na minha forma de viver a profissão. Ilustrarei cada uma delas com um excerto de um autor que, para utilizar uma palavra tomada de empréstimo à música, funcionará como “leitmotiv”.

1. AMAR O CONHECIMENTO

“Quem é professor é incapaz, na maior parte dos casos, de ainda fazer alguma coisa para seu bem pessoal e qualquer conhecimento só lhe dá prazer na medida em que ele o pode ensinar. Acaba por considerar-se como uma passagem do saber e, em geral, como um meio, de modo que perdeu a seriedade para si próprio.”

Friedrich Nietzsche, in Para Além do Bem e do Mal

Bem-vindos à origem de tudo: o amor aos livros e ao conhecimento. De facto, antes de tudo o mais, o professor tem de ser um eterno aluno. Essa condição ou manter-se-á durante toda a sua vida ou, se tal já não acontecer, o professor que havia nele ter-se-á extinto algures lá mais para trás na sua vida, sem que disso se tenha apercebido.

Houve tempos em que dizia para comigo que, se tivesse de colocar à entrada do meu escritório um “frontispício” à maneira da Academia de Platão, a frase escolhida seria provavelmente a de Nietzsche acima citada, adequadamente intitulada por ele de “Precaução...”.

Do que eu gosto mais neste excerto de Nietzsche é a sua inultrapassável capacidade de nos alertar para os riscos das armadilhas que colocamos a nós próprios. Neste caso, Nietzsche refere-se a uma ameaça que paira sobre todo o professor: a de deixar de amar o conhecimento por si mesmo e a valorizá-lo unicamente na medida em que é útil para os seus alunos. Ser um transmissor de conhecimento é uma das facetas mais nobres do professor, mas, adaptando a célebre frase de Abel Salazar segundo a qual “um médico que só saiba de medicina nem de medicina sabe”, direi que um professor que só sabe ensinar e já se esqueceu de aprender, provavelmente nem ensinar sabe...

Em tempos, escrevi que me sentia, enquanto professor, como um contrabandista, que estabelece canais entre as teorias dos filósofos e as vivências e perplexidades dos alunos. Pois bem, continuo a sentir-me como um contrabandista: adoro contrabandear, mas antes de mais, porque amo aquilo mesmo que contrabandeio.

2. SER OTIMISTA

“Enquanto educadores temos o dever de ser otimistas. (...) Educar é acreditar na perfectibilidade humana.”

Fernando Savater, in *O Valor de Educar*

Acaso alguém imagina um médico que não acredite nos atos que faz e nos medicamentos que prescreve? Acaso alguém concebe um engenheiro que não acredite nas leis da física e nos cálculos que permitirão manter de pé a ponte que projetou? Claro que não, porque isso seria contraditório com o exercício da sua profissão.

Do mesmo modo, é inconcebível que um professor não seja otimista. Otimista, não ingénuo, porque o conhecimento da natureza humana e dos seus alunos permite-lhe ter a consciência dos limites à sua ação de ensinar. Encontrar um equilíbrio entre as expectativas e a realidade não é nada fácil e há, decerto, vários caminhos possíveis. Vergílio Ferreira dizia: *“Sê pessimista e age como um otimista”*. É uma possibilidade. Ou, então, ser otimista por princípio, mas não ter grandes expectativas quanto aos resultados. Seja como for, em algum lado no coração e na mente do professor terá de estar alojada uma fonte inesgotável de otimismo, resistente às maiores intempéries e a grandes períodos de seca. Temo que, se um professor perder a esperança na evolução e crescimento dos seus alunos, a sua função deixe de ser positiva e inspiradora e se transforme, pelo contrário, num bloqueio perturbador a que tal aconteça.

C. RE-NASCER A CADA ANO QUE PASSA

“Há uma criança em ti que te acompanha sempre. Mantém-na em disciplina para não cometer disparates. Mas não te envergonhes muito dela, atende-a de vez em quando. Porque quando ela te não acompanhar, só já te resta morrer”.

Vergílio Ferreira, in *Pensar*

Diz-se que todas as profissões têm um risco específico associado. Não sei se isso é verdade, mas diria que, a existir tal coisa, o risco maior da profissão de professor é cair na rotina. Vendo bem, tudo parece estar conjugado para isso: os programas são todos

os anos os mesmos, a ordem pela qual são lecionados também, as estratégias e as dificuldades na sala de aula não mudam tanto assim de um ano para o outro. Subjugado pelo insustentável peso de tudo isto, o professor corre seriamente o risco de, passados vários anos a fazer sempre o mesmo, encarar cada dia como mais um em que terá de dar as suas “aulinhas”, sendo que o diminutivo, tristemente, tem mais a ver com a decepção e o tédio do que com o carinho normalmente associado a uma palavra assim terminada em “inha” ou “inho”.

Vou contar-vos a minha história. É a minha, vale o que vale, e não pretendo naturalmente apontá-la como critério seja para o que for. Durante vários anos senti essa ameaça da rotina e do tédio. Isso perturbava-me e, muitas vezes, criava em mim emoções pessimistas no meu dia-a-dia como professor.

Até que há uns atrás ocorreu em mim uma espécie de “revolução copernicana” de tipo kantiana. Inspirando-se em Copérnico, Kant operou uma inversão no modo como os filósofos encaravam o conhecimento, ao defender que não era a razão que tinha de se adaptar à realidade, mas, pelo contrário, é a realidade que se adapta ao nosso modo de conhecer.

Tal como Copérnico inverteu a relação entre a Terra e o Sol, tal como Kant mudou a relação entre o sujeito e o objeto do conhecimento, também em mim ocorreu uma inversão radical: passei a encarar cada início de ano letivo não do meu ponto de vista, professor experiente que, mais uma vez, vai começar uma temporada, mas sim dos alunos que, pela primeira vez, iniciam na Filosofia a sua própria caminhada.

Os resultados desta “revolução” foram e têm sido cada vez mais extraordinários. Cada ano letivo, cada turma nova, cada aluna ou aluno novo são uma oportunidade de descoberta para mim. Ao entrar naquela sala de aula naquele dia com aquela turma, será o meu “plano” de aula que vai adaptar-se ao que ali acontecer e eu, literalmente, não sei mesmo o que se vai passar, o que, por vezes, faz com as aulas pareçam performances inesperadas e irrepetíveis. O mesmo acontece quando programo um projeto ou lanço um desafio, que raramente é o mesmo para todas as turmas, porque a inspiração para o que faço emana do que acontece com cada uma das turmas e cada aluna ou aluno.

Precisei de mais de 20 anos para perceber finalmente isto: o professor é melhor professor quando coloca o centro de gravidade da sua profissão nos alunos e não nele

e nos programas que tem de dar. Sim, vai dar os programas e vai ensinar bem, mas vai fazê-lo sempre como se fosse a primeira vez. Ou seja, tal e qual como as suas alunas e os seus alunos, para quem tudo aquilo acontece de novo, pela primeira vez.

Por tudo isto, quando os meus alunos me agradecem por lhes proporcionar experiências novas e a descoberta de capacidades que têm e que a Escola não valorizava academicamente, eu respondo dizendo que quem está em dívida sou eu, por me inspirarem e, na sua genuína capacidade de sentir perplexidades pelo que é novo (como é o caso da Filosofia), possibilitarem que eu próprio re-nasça a cada ano letivo, a cada turma nova, a cada aluna e aluno novo.

Não creio que haja uma outra profissão em que tal seja possível. Por isso adoro ser professor e não trocava a minha profissão por nenhuma outra.

Um professor é um mosaico em que cada aluno deixa um pouco de si³

Catarina Santos Botelho⁴

Ao longo dos últimos dezasseis anos, tive o privilégio de lecionar Direito Constitucional, Direitos Fundamentais e disciplinas afins a estudantes de licenciatura, mestrado e doutoramento da Universidade Católica Portuguesa. Tive também oportunidade de lecionar a estudantes de outros países, tanto em Portugal, como no estrangeiro. Num olhar retrospectivo, posso afirmar que a experiência docente teve um impacto muito positivo na minha vida.

Desde logo, ajudou-me a encontrar a minha voz e a ultrapassar uma certa timidez. Depois, abriu novos horizontes e possibilitou vivências muito enriquecedoras. Ensinar é também aprender, numa dinâmica de movimento pendular, em que os conhecimentos transmitidos pelos professores aos estudantes, são devolvidos com outra roupagem e outras lições.

De entre tantas coisas que aprendi com os meus estudantes, destaco o aprimorar a capacidade de nos deixarmos maravilhar pelas pequenas coisas da vida. Sempre me surpreendeu a forma como os professores, mesmo aqueles que estão perto da idade da reforma ou até reformados, se mantêm jovens, em termos intelectuais e psicológicos. Em boa verdade e como disse, com enorme brilhantismo, a Professora Marta Cartabia, a primeira mulher a presidir ao Tribunal Constitucional italiano e revisitando uma ideia de Henry Newman, ensinar é estimular o pensamento crítico e vivente (*a living teaching*).

Por outro lado, ensinar – em particular se for num contexto internacional ou com estudantes de outros países – fomenta a nossa tolerância e permite relativizar verdades absolutas e à prova de bala. Ouvir os outros, sem condescendência, é uma das virtudes que nos ensina a docência.

Nem tudo são rosas, obviamente. Ser professor exige muitos de nós, quer do ponto de vista intelectual, quer na dimensão humana e emocional. Ser professor é

³ Adaptado da entrevista “Espaço do Docente”, disponível aqui: <https://fd.porto.ucp.pt/pt-pt/noticias/espaco-do-docente-catarina-santos-botelho>

⁴ Professora Auxiliar na Escola do Porto da Faculdade de Direito da Universidade Católica Portuguesa; Coordenadora de Direito Constitucional; Investigadora do *Católica Research Center for the Future of the Law*; email: cbotelho@porto.ucp.pt

fisicamente desgastante, sobretudo para os docentes com crianças pequenas, para aqueles que dão apoio a parentes idosos, ou que residem longe da família. Há dias menos bons nas nossas vidas, em que a última coisa que nos apetece fazer é enfrentar várias dezenas de olhares perscrutadores. Não há como negá-lo. Todavia, mesmo nesses dias, o que quer que nos pesasse na alma se dissipa no final do tempo letivo. E o que fica é uma sensação de paz e de alegria serena, por haver contribuído, ainda que infinitesimalmente, para o futuro dos nossos estudantes.

Por estas razões e num balanço final, se ser professor exige muito do nosso tempo, da nossa energia e da nossa dedicação, o retorno compensa todos os sacrifícios. Não se encontrará um professor que não partilhe experiências motivadoras e positivas. Nada nos faz mais felizes do que acompanhar os sucessos e as conquistas (pessoais e profissionais) dos nossos alunos e *alumni*. Por outras palavras, um professor é um mosaico em que cada aluno deixa um pouco de si.

Acróstico | Quem são os professores apaixonados?

Cristina Palmeirão

Quem se sente livre para começar de novo

Um professor atento e cuidadoso

Entusiasta pela profissão

Mais preocupado com o fazer aprender do que o programa a dar

Sempre pronto para honrar a missão da escola

Ainda e sempre construtor de um mundo plural

O que valoriza a cooperação interprofissional, o currículo e a docência

O que atende à pessoa que mora no aluno

Salienta a educação como a base para a vida saudável e a sustentabilidade do mundo

Pronto para trabalhar a partir das representações dos alunos

Repensa de modo sistemático a diferenciação pedagógica e o modo de ensinar

Organiza e desenvolve atividades interdisciplinares de aprendizagem

Faz despertar nos alunos o desejo de mais aprender

Explora e cria espaços e tempos para que os alunos intervenham livre e
responsavelmente

Sabe que o conhecimento é poder para acionar a capacidade de discernir

Sonha a necessidade de ensinar a aprender a conviver.

Observa e reavalia a importância de fazer eclodir o talento que vive em cada aluno

Respeita a pessoa e o tempo de cada um

Encoraja, sem pressionar, a necessidade de observar os ciclos de aprendizagem

Singular, é social, reflexivo e prudente

Age segundo o princípio da educabilidade

Promove a autonomia e a responsabilidade

Ativa a participação, a reflexão e o respeito pela democracia

Identifica áreas de interesse e de aquisição de novas competências para o tempo presente

X - a incógnita (do futuro) que o faz continuar

Otimiza e valoriza a educação autêntica

Negoceia a solução positiva de conflitos em ordem à ética do cuidado

Adota uma postura de proximidade e de comunicação assertiva

Desenvolve as nossas capacidades naturais e torna-nos capazes de ser empreendedores

O professor apaixonado é um profissional do humano e do relacional

Sabemos, todos, estar apaixonado, é dar-se por inteiro, é dedicar-se, é ...

21.out 2021

Cristina Palmeirão

Ensinar com o coração

Diana Mesquita

Todos os anos lemos artigos e notícias dos jornais com títulos como: “Já ninguém quer ser professor”. O desencanto por esta profissão tem tanto de presente como de evidente.

Os poucos que ainda querem ser professores (um parenteses para uma curiosidade: no concurso de acesso ao Ensino Superior deste ano [2021] entraram 1100 alunos em licenciaturas na área do ensino) são, muitas vezes, confrontados e até desencorajados por quem não acredita mais nesta profissão. Vejamos a minha própria história: quis ser professora assim que a Natália me mostrou que no mundo existiam letras; a Natália ensinava com o coração e eu queria ser como ela. Muitos anos depois, no momento de decidir o caminho, fui persuadida a escolher um outro com o argumento de ‘não ser fácil’, ‘não ter futuro’, ‘exigir tantos sacrifícios’. E assim fui por um outro caminho. Dei umas quantas voltas e, quase sem querer, tornei-me professora.

Como diz o Professor António Nóvoa, inspirado na Simone de Beauvoir, “Não nascemos professores, tornamo-nos professores”. Penso que, nestes anos, me fui tornando na professora que queria ser, como a Natália, que ensina com o coração. O que é que isso significa?

1. Ensinar com o coração é permitir conectar-me com os meus alunos: memorizar os seus nomes, conhecer as suas histórias, fazendo mais perguntas do que assumir potenciais respostas; mostrar que nos importamos com o que dizem, com o que fazem, com o que pensam.

2. Ensinar com o coração é manter-me em constante aprendizagem: lendo, investigando, refletindo sobre a minha prática; provocando a minha criatividade, inspirando-me nos meus mentores; e admitindo que “nunca podemos ensinar aquilo que já sabemos, apenas aquilo que ainda não sabemos” (de novo, António Nóvoa).

3. Ensinar com o coração é quando as pequenas coisas têm importância: o aluno que diz ‘nunca pensei que conseguiria fazer isto e agora consegui’, aquela pergunta que nos é feita de forma surpreendente e nos deixa a pensar, aquele sentimento no final do semestre ou do ano de ‘valeu mesmo a

pena!'. São as pequenas coisas que nos fazem sentir, sentir a paixão daquilo que fazemos e que necessariamente se reflete naquilo que somos.

Por estas razões, ensinar com o coração torna-se um exercício de vulnerabilidade. Ao longo do tempo somos confrontados com o cansaço, a frustração, a desilusão, a desesperança. A expressão do 'valeu mesmo a pena' transforma-se na pergunta 'valerá a pena?' e suspiramos com o sopro que ainda nos resta no coração.

Em 2018 suspirei assim, algo que pensei que comigo dificilmente aconteceria. Uns anos antes tinha comprado o livro *The Courage to Teach: Exploring the Inner Landscape of a Teacher's Life* do Parker J. Palmer e, naquele verão, pareceu-me adequado levá-lo comigo para as férias, numa tentativa de ganhar um novo fôlego. Tenho dificuldade de colocar em palavras o quanto este livro me impactou. Explicar seria limitar.

Nessas férias recuperei a minha paixão, recordando quem sou como professora e resgatando o meu propósito. Lembrei-me da Natália. Lembrei-me das voltas do meu caminho. Lembrei-me da ansiedade e pura alegria da primeira vez que entrei numa sala de aula. Lembrei-me dos meus alunos. Lembrei-me dos meus futuros alunos.

Desde então partilho muitas vezes a frase que me faz ensinar com o coração: *we teach who we are* - Parker J. Palmer [nós ensinamos aquilo que somos]. Ajuda-me a respirar em vez de suspirar.

A Paixão de Ser Professor: razões e sentimentos

Eduarda Alexandra Carneiro

Ao refletir sobre razões e sentimentos que ao longo destes mais de vinte anos fizeram com que vivesse apaixonadamente a minha profissão, vem-me à memória, em primeiro lugar, uma frase que ouvia ainda criança – só pode ser professor quem tiver **vocação**. Mais tarde, ouvi muitos professores que foram fundamentais no desbravar do meu caminho, associar a profissão de professor à palavra **Utopia**.

Hoje, consciente do papel que esta profissão desempenha, sou capaz de tirar uma primeira conclusão nas minhas reflexões: ser professor é, sem dúvida, uma profissão que exige simultaneamente **vocação** e principalmente perseguir com paixão uma **utopia** – o **desenvolvimento**, a **igualdade**, a **liberdade**!

Não esqueço que neste caminho há marcos fundamentais que foram estimulando e sedimentando a minha paixão. Cito como exemplo as palavras de António Nóvoa, na Conferência que realizou no Instituto de Estudos Avançados na Universidade de São Paulo, em julho de 2010, com o título *“Pedagogia: a terceira margem do rio.”* e cujo texto foi publicado na revista daquele instituto. Nóvoa começa por referir que foi buscar o título da Conferência aos escritos de João Guimarães Rosa, reconhecidamente “um dos grandes da língua portuguesa “e que este se ajusta profundamente à **“utopia”** que a profissão docente permanentemente deve perseguir – “uma verdadeira viagem de descoberta, não de terras novas mas de novos olhares em que o que conta é o rio e não as suas margens”, como afirmou ao concluir a Conferência.

Voltei a ouvir a referência a esta **“Utopia”**, por duas vezes em 2014 e em situações distintas: na Fundação de Serralves, durante o debate que se seguiu à Conferência “Educar em tempos de crise”, incluída no Ciclo de Conferências “O Estado das Coisas / As Coisas do Estado”, com a participação da Professora Maria de Lurdes Rodrigues e do Professor Manuel Braga da Cruz (em substituição do Dr. Veiga Simão); e mais tarde na Universidade Católica, na apresentação do livro “As Feromonas da Maçã” do Professor Santos Guerra.

Continuando a refletir sobre a minha profissão e o caminho que tenho trilhado, direi que não tem sido um percurso fácil, bem pelo contrário. Tem sido muitas vezes árduo, instável e cheio de dificuldades, barreiras e obstáculos. Mas tudo isto tem

contribuído para o meu “crescimento” e obrigam-me a estar cada vez mais atenta a tudo o que se passa à minha volta e a concluir que a minha formação nunca estará terminada! É um processo inacabado, que me desafia permanentemente e, fazendo-me sofrer muitas vezes, me dá um prazer indescritível e a força para recomeçar todos os dias com o mesmo entusiasmo e alegria, alimentando a minha paixão pela melhor profissão do mundo – SER PROFESSOR!

Cabe aqui referir as palavras de Matias Alves no seu Blog Terrear, no passado dia 11 de outubro, quando se refere à “refundação da escola “e ao papel dos professores:

“No presente, o seu papel é essencial para que a escola seja recriada como espaço de formação individual e de cidadania democrática. Mas, para que tal aconteça, é preciso que os professores sejam capazes de refletirem sobre a sua própria profissão, encontrando modelos de formação e de trabalho que lhes permitam não só afirmarem a importância dos aspetos pessoais e organizacionais na vida docente, mas também consolidar as dimensões coletivas da profissão.”

E para terminar a minha reflexão cito Bolívar:

“Devemos distinguir os educadores que encaram o ensino como mero trabalho, daqueles que se preocupam e se apaixonam com o trabalho que podem desenvolver com os alunos. Neste sentido é um atributo que define um bom professor. Reflete o ponto onde se une o racional com o emocional”

Bolívar, 2012, pg. 234

A Paixão de Ser Professor: razões e sentimentos

Eulália Maria Borges Correia

Há várias razões e sentimentos para viver com paixão a profissão de professor.

Pessoalmente, destaco a diversidade de níveis de intervenção e a complexidade e a exigência crescentes do exercício da profissão, as quais constituem um desafio permanente para quem o desejo de “ser professor(a)” se concretiza num projeto de vida, num trilhar de um percurso profissional caracterizado pela motivação e pelo desenvolvimento pessoal e interpessoal e numa prática docente vivenciada com satisfação, autoconfiança e realização profissional.

Ser professor implica intervir em diferentes campos de ação educativa: grupo-turma, escola e comunidade; exercer diferentes funções: de docência, de formação, de direção de turma e de membro de diversas estruturas de orientação educativa e, ainda, desenvolver atividades distintas: letivas, não letivas e de acompanhamento e orientação educativa, entre outras.

É uma grande responsabilidade ser-se professor, pelo que, à medida que o tempo vai passando, é essencial continuar a querer e a gostar do que se faz. É fundamental não se acomodar nem se desculpabilizar com o facto de a escola ou o Sistema não proporcionarem as condições ótimas para a prática docente, mas continuar a sentir prazer e entusiasmo em organizar as aulas com o intuito de chegar a cada um de forma diferente, para que todos desenvolvam as competências que lhes vão ser necessárias para progredirem em termos académicos e para se tornarem cidadãos conscientes, responsáveis e intervenientes na sociedade em que vivem. É necessária uma forte implicação pessoal na implementação de estratégias de ensino adequadas a alunos cada vez mais diversificados em termos de motivações e competências. Neste sentido, as visitas de estudo, quando bem preparadas, podem contribuir para a consolidação de muitas aprendizagens ou para a motivação para outras, além de que proporcionam o contacto com o meio local, regional ou nacional, o convívio entre professores e alunos e a consolidação da relação pedagógica. Assim, a preparação, realização e posterior exploração, em sala de aula, de uma visita de estudo, é uma tarefa que deve ser empreendida com muito entusiasmo e dedicação. É, ainda, importante que o professor se alegre com cada pequena conquista de um aluno, e tenha uma palavra ou um gesto

de incentivo para com aquele, cujo desempenho ainda não foi o desejável, ou seja, que se envolva com autenticidade na aprendizagem dos seus alunos, que elogie os seus êxitos e que relativize os seus fracassos e os ajude a superá-los.

Na atualidade é, também, imprescindível valorizar outras tarefas inerentes ao exercício da docência. O cargo de diretor(a) de turma, por exemplo, não desemboca em tarefas exclusivamente administrativas ou burocráticas. Encerra uma riqueza e uma diversidade de experiências e de relacionamento interpessoal que contribuem para o crescimento pessoal e profissional de um professor. Também a participação em órgãos de gestão ou de estruturas de coordenação se tornou numa função atribuída a um número cada vez maior de docentes. Ao invés de ser vista como um acréscimo de trabalho, e uma tarefa que deixa o professor sem tempo e sem energia para o seu trabalho “principal”, a participação, seja em que espaço for, constitui uma oportunidade para contribuir positivamente para a melhoria do funcionamento dos órgãos de que faz parte, para a inovação educativa e para um ensino de melhor qualidade. Todavia, no desempenho de cargos de chefia, há que ter em conta que não se pode esperar dos outros o que nem sempre aqueles estão em condições de dar, sob pena de que tal exigência torne um indivíduo pouco tolerante.

Em termos de orientação, o acompanhamento de um professor estagiário, por exemplo em termos de direção de turma, pode ser essencial para que aquele contacte com todas as tarefas inerentes à função, para que se aperceba da responsabilidade, empenho e entrega que a mesma requer e, sobretudo, para que crie uma imagem positiva do exercício do cargo. Por sua vez, o professor “orientador” pode vivenciar uma experiência muito enriquecedora e gratificante ao acompanhar o crescimento do colega enquanto profissional e ao aprender com as suas dúvidas e dificuldades.

A evolução do conhecimento, o desenvolvimento das novas tecnologias e os novos desafios que atribuem aos professores de hoje novas funções e responsabilidades, tornam premente a virtude de encarar o saber a partilhar como algo definitivamente inacabado e de cuja dimensão só nos aproximamos verdadeiramente quando não desistimos de aprender.

A Paixão de Ser Professor: razões e sentimentos

Fátima Taveira

A ideia de construir um itinerário profissional na área da docência estava longe da minha mente enquanto aluna universitária. Fascinava-me, nessa época, a área da comunicação e as relações sociais e humanas, e sentia-me realizada sempre que entrava em estúdio na antiga Rádio Universitária, onde realizei alguns programas relacionados com a literatura e o património oral portugueses. No entanto, a espera, que no final do curso me pareceu infinita, por uma possibilidade de iniciar uma carreira sólida nessa área, levou-me a substituir uma professora numa escola básica por um breve tempo. Dois meses, foi o tempo suficiente para que toda a trajetória que tinha planeado para a minha vida se alterasse!

Recordo nitidamente o meu primeiro dia de professora, lembro da dor de barriga, das tremuras nas pernas, a ansiedade de quem parte para o desconhecido, do respirar fundo antes de entrar na minha primeira sala de aula, sem saber que aventuras ou desventuras me esperariam por trás daquela porta. Na verdade, mal eu adivinhava, que no momento em que abria a porta daquela primeira sala, estava naquele momento a abrir a porta a uma paixão, que estaria para sempre presente na minha vida: a paixão de ensinar os meus alunos. Paixão por uma profissão que considero nobre e gratificante, mas também manifestamente exigente e de desafios constantes; uma profissão na qual todos os dias parecem surpreendentemente diferentes. Abrir a porta dessa primeira sala de aula foi abrir a porta para uma aventura que dura há quase vinte e nove anos! E, não obstante, a ansiedade e os receios, sempre voltam em cada início de ano letivo. De forma menos intensa, talvez, mas sempre se fazem sentir. Penso que o dia em que deixar de me sentir assim, será o dia em que me tornei má profissional, em que já não me questiono, e me é indiferente.

Talvez seja incompreensível para muitas pessoas, o facto de alguns profissionais demonstrarem gosto em perseverar nesta profissão, ou de alguns jovens ainda pretenderem nela ingressar, dado esta ser uma profissão cada vez mais cheia de dificuldades e com tão pouco reconhecimento. É verdade, eu ainda persisto! E sempre que sinto que, por qualquer motivo, o desânimo e o pessimismo se tentam instalar, vou rever o diário do meu percurso, ou dos tesouros, como lhe chamo: rever a carta da Isabel

onde agradece o tempo que passei com ela, e a orientação para a profissão que hoje em dia desempenha e a faz feliz; reler o jornal escolar onde se encontra registrado que alcancei um invejável terceiro lugar no concurso de Melhor Professor da escola; recordar o email do Luís onde me informa que o tempo que passou comigo no clube de teatro o fez ser um ator profissional, entre tantas outras experiências, que me fazem lembrar o porquê de me ter tornado professora e que me trazem de volta o sentimento inicial.

Ser professor é seguramente a profissão mais desafiadora que conheço, mas também a mais compensadora que existe ou que alguma vez existirá. Move-me, sobretudo, a enorme recompensa emocional que ela traz: o brilho no olhar de um aluno que finalmente percebeu o conceito que explicamos; o sorriso agradecido de quem finalmente se sente incluído; as palavras gratificantes que se ouvem de um pai; a satisfação interna de saber que fizemos a diferença, saber que, de alguma forma, deixamos a nossa marca no futuro de alguém. Alguém a quem ensinamos a ler, a analisar, a debater, e a escrever a própria vida.

A Paixão de Ser Professor

Filipa Pereira Araújo

Há várias razões e sentimentos para viver com paixão a profissão de ser professor. Para conseguirmos almejar tão nobre profissão, necessitamos de apelar ao “coração”, à empatia e compaixão. Tal como refere Nóvoa (2009) há que caminhar para um “ensino como profissão do humano e do relacional” (p. 39) e não apenas, no saber disciplinar, uma vez que o ato de ensinar face às “novas realidades sociais e culturais dentro da escola” (Nóvoa, 2009, p. 39), apelam a um ensino mais humanizado, afetivo e mais próximo dos alunos que não querem aprender. Pois, se não nos colocarmos no lugar dos nossos alunos, nunca iremos conseguir fazer com que cada um dos seus projetos de vida sejam alcançados. Para que estes atinjam, consigam alcançar os seus sonhos, uma vez que o sonho comanda a vida, temos de ter a capacidade de motivar, estimular, demonstrar, apresentar problemas quotidianos, criar curiosidade, para que não caiam na rotina...Teremos de ser os detonadores, o rastilho da magia que é o fazer aprender, apoiando, provocando interesse, criando ambientes flexíveis, criativos, cenários de aprendizagem motivadores, acolhedores, atendendo às suas necessidades, através de projetos, caminhando no sentido da descoberta, da solução do problema...e não “depositando” o conhecimento, de forma passiva, como se fosse um “depósito bancário” – metáfora da educação bancária de Paulo Freire. Mas, se possível, através da pedagogia, partilha, cooperação, interação grupal, apelando à equidade, à sinceridade no seio do grupo ... apelando também à autonomia, à criatividade, à imaginação, através da leitura, ao questionamento, ao pensamento crítico, para amanhã terem a capacidade de resolver muitos dos problemas individualmente, ao longo da maratona, da sua vida, para um mundo melhor...Pois, como nos diz Paulo Freire “(...) Precisamos de herança crítica, como o peixe necessita de água despoluída (...)”.

Neste sentido, o professor necessita de perceber as características particulares de cada um dos seus pupilos, através do afeto, cuidando, diferenciando, despertando-lhes interesse, estimulando a autonomia e a participação dos estudantes no processo de aprendizagem, motivando-os, avaliando-os, tendo em consideração as suas inteligências múltiplas, singularidades, as suas redes, conexões culturais, diagnosticando as suas genialidades, o que de melhor sabem fazer, através, por exemplo, da diversão,

como jogar à bola, aprender brincando, criando laços afetivos de camaradagem, de apoio (estou aqui para vos conduzir, funcionando como o maestro da orquestra/sinfonia da aprendizagem...), para que sintam um “porto seguro” que os vai levar a bom porto, gerando sempre expectativas positivas, altruístas, e não de ordem, julgamento, escutando...incutindo-lhes a Esperança, de um mundo melhor, superando sempre novos desafios, através do gosto pelo, estudo, pelo saber...caminhando, no sentido da utopia, nunca desistindo... Parafraseando Eduardo Galeano“ (...) A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar (...).”

Para conseguir tal proeza os professores necessitam de ser reflexivos, investigadores, pesquisadores - “Metáfora do Professor Reflexivo” (Nóvoa, 2020), corajosos e definir um conjunto de responsabilidades diárias, metas, objetivos, tentando, sempre, fazer o nosso melhor, apostando na moralidade, na honestidade, equidade, justiça, e ao mesmo tempo, na cognição e emoção (através da cabeça - racionalidade, coração - emoção e mãos - generosidade...), tendo sempre presente o seu conhecimento científico, didático o pedagógico, através do seu “now how”, espírito de perseverança, persistência, perante as adversidades e resiliência, fazendo com que cada um dos seus alunos esteja constantemente a refletir sobre as suas aprendizagens, através da autorregulação, inquirição, mantendo a sua curiosidade sempre viva, dando-lhes feedback...Mas para tal teremos de ser únicos, sui generis, colocando-nos no lugar dos alunos, escutando as suas opiniões, relativamente à forma de fazer aprender, tal como refere Rubem Alves – “(...) O ato de ouvir exige humildade de quem ouve. E a humildade está nisso: saber, não com a cabeça mas com o coração, que é possível que o outro veja mundos que nós não vemos (...)”, alterando as nossas opiniões e atitudes, quando necessário, cooperando, partilhando, cada um dos nossos saberes com os colegas, colaboradores, através de um forte compromisso com a instituição (vestindo a sua camisola...), no sentido de alcançarmos a nossa Felicidade, fazendo com que cada um dos nossos alunos sejam os melhores cidadãos de amanhã, incutindo-lhes o gosto pelo saber...Para que sejamos felizes e, ao mesmo tempo, façamos os outros encontrar o caminho da Esperança, da Felicidade...Nunca Desistindo dos nossos sonhos...Fazendo Aprender...

Bibliografia

Nóvoa, A. (2002). Formação de professores e trabalho pedagógico. Lisboa: Educa.

Nóvoa, A. (2009). Professores - Imagens do futuro presente. Lisboa: Educa, acedido no dia 9 de outubro de 2021, em <https://www.colegiosantanna.com.br/formacao/downloads/Professores%20imagens%20do%20futuro%20presente%20-%20Leitura%20Congresso%202015.pdf>

A Paixão de Ser Professor: entre a exigência, o cuidado e os frutos

Filipe Magalhães

Há várias razões e sentimentos para viver com paixão a profissão de professor.

Desde tenra idade que percebi não ter quaisquer problemas em falar em público, dar a minha opinião e expressar pensamentos. Talvez tenha sido por isso que o jornalismo se tenha assumido como resposta àquela questão que, todos os anos, os professores nos colocavam: “o que queres ser quando fores grande?”. O gosto pela escrita e pela leitura sempre me fizeram pensar que seria esse o caminho, até que, já no ensino secundário, percebi que seria o ensino de História o caminho que queria seguir. Gosto de ensinar, transmitir e adquirir conhecimento e, sobretudo, de ver os meus alunos crescerem, e perceber que eles compreendem que ser professor é ser, também, ser humano, e que tal como eles falham e aprendem, também nós o fazemos.

Encaro o exercício da profissão para além da mera transmissão de conteúdos inscritos no programa curricular, ou na matriz do exame nacional do 12.º ano. Em aula, há espaço para o diálogo, sobre os temas obrigatórios, mas também para aqueles que vão suscitando curiosidade nos mais jovens, e é essa curiosidade, interesse e atenção que me faz ir com vontade, semana após semana, para aqueles blocos de 60 ou 90 minutos. A vivacidade de alguns, a timidez de outros que, em pequenas participações se vai vencendo, e perceber, no fim do percurso, que valeu a pena ser rigoroso e metódico, fazem-me gostar do meu trabalho.

É preciso gostar, sem dúvida. Seja desta nossa profissão, seja de qualquer outra. Não imagino que se possa sentir qualquer tipo de realização pessoal e, por inerência, profissional se não se gostar do que se faz.

O gosto pelo conhecimento. Gostar de aprender e inovar é fundamental para sentir paixão pela missão de ser professor. Gosto de ensinar, de aprender. De ser exigente, de preparar bem os meus alunos para os desafios que se seguirão - especialmente no caso do secundário, em que vão realizar exame nacional, condicionante da sua admissão no ensino superior.

Mas, sobretudo, gosto de um ambiente de sala de aula tranquilo, com momentos de trabalho e concentração e outros de maior descontração e partilha. É, também, assim que se aprende. Nem todos os momentos de aprendizagem devem ser formais.

Penso que o auge de todo este processo profissional se materializa no momento em que os alunos reconhecem que a exigência, persistência e insistência da nossa parte dá frutos. Que lhes dê frutos para o futuro. E essa é, para mim, a melhor parte de todo este trabalho, muitas vezes inglório.

Reinventar a Paixão de Ser Professor

Generosa Pinto Vilela Pinheiro

Volvidos vinte e cinco anos de muitas conquistas, mas também algumas derrotas e desilusões, voltaríamos a optar, sem qualquer sombra de dúvida, por esta profissão tão nobre e desafiante de ser professor, com a mesma entrega e paixão.

No início da carreira, quando entrámos, pela primeira vez, numa sala de aula, acreditávamos que o mundo estava nas nossas mãos, julgávamo-nos um mágico cuja varinha de condão nos ia permitir grandes conquistas e inovações inspiradoras. À medida que os anos foram avançando, tomámos consciência de que, não obstante a magia ser possível, a varinha nem sempre funciona, ou melhor, para cada situação vai funcionando de forma diversa, o que torna muito difícil, exigente e desgastante a tão desejada transformação. Acabámos por perceber que a caminhada é árdua e penosa, dado que, muitas vezes, solitária e incompreendida. Não raro, aquele projeto que faria toda a diferença num determinado grupo de alunos é-nos negado ou porque o discurso legal não o permite, ou porque as amarras ao cumprimento cego de um currículo (mais ou menos) prescrito também não nos deixam abertura para tal. Outras vezes, até poderia ser possível, mas seria necessário tempo que, com o decorrer dos anos, fomos deixando de ter, absorvidos por todas as burocracias impostas.

Não obstante estes obstáculos, nunca deixámos de perseguir a nossa utopia, aquela que nos impele para uma Escola onde tudo seja organizado de forma superior e perfeita, garantindo a felicidade de todos. Como almejámos um paraíso perdido no qual nunca deixámos de acreditar, pugnámos por ele numa luta de titãs, sem nunca perder a força, mesmo no meio das maiores adversidades. É este entusiasmo permanente, esta crença inefável, esta resiliência constante e esta ânsia de sermos livres e criativos no cárcere dos decretos, normativos e regulamentos que alimentaram e alimentam a nossa paixão e a nossa esperança de que a metamorfose é possível, assim como a crença no potencial de adaptação e aprendizagem de qualquer ser humano, seja um jovem estudante, seja um professor veterano, desde que criadas as condições para que a lagarta possa sair do seu casulo e transformar-se numa borboleta livre e feliz.

É, sem dúvida, esta a magia que, presentemente, nos permite seguir a utopia de que é possível a escola deixar de ser perspetivada como uma máquina produtiva para

passar a ser sentida como uma estrutura orgânica de relações interpessoais, em que a autoridade dê lugar à participação e corresponsabilização de todos; em que os professores deixem de ser vistos como instrumentos de produção e passem a ser respeitados enquanto fontes ativas de criatividade; em que a supervisão que obriga, controla e pune dê lugar a uma supervisão que acompanha, ouve, apoia, facilita e encoraja; em que as lideranças sejam partilhadas e transformadoras e os diferentes líderes saibam ganhar e merecer a confiança dos outros, procurando compreender primeiro para só depois se fazerem compreender, mostrando capacidade de analisar o passado, entender o presente para saber projetar o futuro para lá das rotinas diárias. Acreditamos que a escola, neste contexto, possa passar a ser uma comunidade coesa, onde reine a confiança e em que o bem comum, a aprendizagem efetiva de todos, passe a estar acima de todos os interesses individuais e particulares. Uma escola em que, no seio de equipas multidisciplinares, possamos trabalhar colaborativamente, adaptando o currículo nacional prescrito às necessidades e interesses dos alunos; em que se possam criar grupos distintos, sujeitos a diferentes níveis de aprendizagens, para que todos possam evoluir no seu conhecimento e nas suas competências, independentemente, das suas diferenças; em que os alunos possam ser implicados em metodologias transdisciplinares e ativas, reveladoras de que aprender é uma mais-valia para a vida; em que a avaliação não seja, essencialmente, o reflexo de conteúdos assimilados e debitados em instrumentos formais e escritos, mas antes um percurso ativo de crescimento que permita ao aluno, no futuro, adaptar-se facilmente a uma nova realidade, aprendendo autonomamente.

Passados tantos anos, enfrentados muitos obstáculos, assumidas algumas derrotas e celebradas bastantes vitórias, continuamos a acreditar, de mente e coração bem abertos, que, nos vinte anos que nos restam de profissão, esta poderá vir a ser uma realidade possível e concretizável que nos devolverá a varinha de condão. Aquela varinha que transformará a escola num espaço de verdadeira aprendizagem, capaz de fazer a diferença na vida de todos, independentemente, da individualidade de cada um. Aquela varinha que nos restituirá a alegria, a vontade e a paixão de sermos Professores.

Podemos chegar ao coração e mente das pessoas

Helena Santos

Enveredei pelos caminhos do Ensino no longínquo ano de 1999, quando entrei na Universidade do Minho, em Ensino de Biologia e Geologia. Na altura entusiasmada pela paixão pelas ciências da Terra e da Vida, não tinha bem a certeza se o caminho de ser professor(a) era aquele que me faria feliz, ou para o qual teria vocação. Durante os quatro anos da licenciatura, para além das cadeiras associadas às áreas científicas do curso, várias foram as de pedagogia que frequentei, a maioria muito teóricas, sem grande aplicabilidade prática e que me pareciam deslocadas da realidade que eu própria conhecia como aluna, e que tinha deixado pouco tempo antes no décimo segundo ano de escolaridade. Muito se falava na época de como deveríamos lidar com as questões de indisciplina na sala da aula e quase nada, na altura, de como lidar com a crescente falta de interesse que os alunos demonstravam cada vez mais em relação aos modelos e métodos de ensino que vigoravam até então (algo com que me viria a confrontar mais adiante como docente...). No quinto e último ano do curso, quando finalmente tive o estágio pedagógico e fui para o terreno, fiquei a meu cargo com duas turmas de ensino básico, sétimo e oitavos anos, tendo lecionado aulas de regência na turma da orientadora no décimo ano de escolaridade. Se neste último caso, me senti como peixe na água, nas duas turmas de terceiro ciclo que estavam sob a minha alçada, percebi o quanto o curso de ensino que se lecionava na Universidade pouco, ou nada, me tinha preparado para o que ia encontrar, não a nível científico, mas a nível humano. Desde alunos muito carenciados a nível económico e familiar, a alguns que viriam a ter problemas de tráfico de droga, tentativas de assalto e violência física, mesmo em relação aos professores, tudo teve aquele meu ano de estágio. Percebi que a questão de como lidar com a indisciplina, não se “ensina”, mas se aprende no terreno, com muito bom senso e experiência (que não temos quando somos estagiários...). Naquele ano de estágio que foi, de longe, o mais exigente que tinha tido ao longo do curso, e apesar das várias adversidades encontradas, senti que o gostinho por ser professora tinha germinado em mim e deixado algumas raízes, que ficariam até aos dias de hoje...

Nos anos que se seguiram a minha carreira docente construiu-se, maioritariamente, no ensino privado, onde tenho a plena noção de que o “nível” dos

alunos é muito diferente da maioria que existe no ensino público. Se é verdade que grande parte tem objetivos bem definidos e interesse por aprender, nos últimos anos tem havido um crescente número que está na escola/nas aulas “por estar”, que apenas quer que surjam resultados sem se esforçar por eles, que não se identifica pelo método de ensino tradicional, porque acha que uma *internet* tem todas as respostas... E esse tem sido o maior desafio nos últimos tempos: como chegar a alunos que (aparentemente) têm tudo...

Se é verdade que esta profissão nos “obriga” a reinventar a cada ano, também é verdade que mantém as bases e origens que sempre teve. O que me faz sentir que estou na “minha” profissão e para a qual penso ter vocação, continua a ser o gosto por ensinar, o saber que podemos chegar ao coração (e cabeça) de crianças que estão a crescer e a construir a sua personalidade, que serão elas o futuro de amanhã e que podemos ajudar um bocadinho nesse futuro, a torná-lo melhor, mais justo e com mais igualdade entre todos. Por muito difícil que seja, um professor ainda é um transmissor de valores, um criador e construtor de sonhos e alguém que pode (e deve) deixar a sua “marca” naqueles que passam por ele. E a “marca” é mútua, porque através dos alunos, continuamos eternos jovens, que veem o mundo pelos seus olhos (seja em que idade for). Claro que nos milhares de alunos que passam pelas nossas “mãos” aos longo da profissão, não conseguimos “chegar” a todos, não conseguimos “tocar” todos, não conseguimos que todos se lembrem de nós, nem que todos entendam a nossa mensagem, mas como costumo dizer, se chegarmos a alguns, por menor número que seja, se deixarmos algo de bom em alguns deles, toda a nossa jornada terá valido a pena...

Para mim, isto é um pouco do que é ser professor(a)...

Paixão, morte e ressurreição de um professor⁵

Ilídia Cabral

A minha avó tinha uma teoria muito interessante. Dizia que embora todos nasçamos com uma caixa de fósforos no nosso interior, não os podemos acender sozinhos. Precisamos, como na experiência, de oxigénio e da ajuda de uma vela. Só que neste caso o oxigénio tem de vir, por exemplo, do hálito da pessoa amada; a vela pode ser qualquer tipo de alimento, música, carícia, palavra ou som que faça disparar o detonador e assim acender um dos fósforos.

(...)

Infelizmente, tinha de reconhecer que os seus fósforos estavam cheios de mofo e humidade. Ninguém podia voltar a acender um só que fosse. O mais lamentável era que ela sabia muito bem quais eram os seus detonadores, mas cada vez que tinha conseguido acender um fósforo haviam-no apagado inexoravelmente.

Esquível, L. (1989). *Como Água Para Chocolate*. Porto: ASA, pp. 109-110

Tomo 1 – A Paixão

Não sabe bem como surgiu a Paixão. Mas, ao refletir sobre isso, recorda-se dos tempos de liceu em que os colegas lhe pediam para faltar à aula antes dos testes e lhes *explicar* a matéria. Diziam que ficavam a perceber tudo e que a positiva, assim, era garantida. Acedia. Mesmo sabendo que teria os pais à *perna* quando descobrissem aquelas faltas injustificadas na ficha informativa de final do período. Lembra-se do gozo que lhe dava tê-los reunidos à sua volta no café em frente à escola e ver as suas caras absolutamente concentradas enquanto *explicava a matéria* o melhor que podia e sabia. Dava sempre o seu melhor nessas alturas. E percebeu que eles o percebiam. E que por vezes percebiam ali, naqueles escassos minutos, o que nunca tinham percebido nas aulas. E talvez tenha sido este o *detonador* que acendeu a vontade de ensinar. Mas de ensinar para fazer mesmo aprender.

A páginas tantas, esse tornou-se o seu objetivo. Sabia que queria ser professor. Só se via a fazer isso na vida. Ainda não sabia bem o que queria ensinar, mas isso... era-lhe relativamente secundário. Acabou por enveredar pelas Ciências e decidiu que faria tudo para ser um excelente professor nesta área.

⁵ Embora na tríade de palavras que constitui este título a palavra *Paixão* se refira, normalmente, ao sofrimento que antecedeu a morte de Cristo na cruz, neste texto entendemos a *Paixão* como um forte sentimento de entusiasmo ou excitação por alguma coisa ou atividade.

No primeiro dia de aulas (agora, enquanto professor), vestiu a sua melhor camisa e estreou a pasta de pele que comprara no final do Verão e na qual arrumou cuidadosamente, dividindo-os por secções, os papéis para entregar na secretaria, os livros novinhos em folha, as fotocópias para os alunos com *a ficha de diagnóstico* e o *poster* gigante sobre a Biodiversidade, com o qual os pretendia fascinar.

Ao pôr os pés na longa escadaria que dava acesso à escola, sentiu as mãos a suar e um frio ácido no estômago, mas estava inebriado pela alegria de quem quer fazer a diferença, de quem não aceita menos do que dar tudo o que tem. Subiu as escadas uma a uma, dirigiu-se à sala de aulas do 7ºB e, de repente, o frio passou e entregou-se de corpo e alma à sua Paixão. Encontrara o oxigénio de que necessitava para acender os seus fósforos. E durante vários anos, a combustão era espontânea e recorrente, pelo que foi fácil manter a chama.

Tomo 2 – A Morte

Mas como qualquer emoção, a Paixão é efémera. Principalmente, se não for alimentada. No início era fácil alimentá-la. Nos rostos dos alunos quando aprendiam algo novo, nas pesquisas e nas leituras que fazia com tanto entusiasmo, na minuciosa preparação de cada aula, na antecipação das reações dos miúdos, nas reuniões de trabalho com os colegas, onde tanto se criava e debatia... Depois, teve de mudar de escola. Bem sabia que a sua vida de professor estaria, pelo menos no início, votada à itinerância. Era algo que não o assustava. Mas cedo percebeu que cada escola era uma escola. E que por detrás de cada palco há um bastidor. E que há bastidores que ele preferia não ter conhecido...

Houve uma escola na qual lhe chamavam *O Substituto*, sendo completamente ignorado pelos colegas porque *estava ali de passagem*. Noutra, percebeu que os interesses corporativos dos professores estavam acima de todo e qualquer critério pedagógico no que respeita à organização escolar. Passou, também, pela (não) liderança de um diretor alienado, cujo único foco era o de manter a ordem instituída, alicerçada numa cultura profissional de *laissez faire*, onde todos eram *como uma grande família* e, tal como nas boas famílias, se protegiam sempre uns aos outros, mesmo quando isso significava fazer de conta que não viam absurdos e negligências educativas várias. Todos os professores eram muito felizes e gostavam muito do diretor. O mesmo já não se podia

dizer dos alunos e das suas famílias, que tinham que pagar explicações a preço de ouro para que os miúdos aprendessem aquilo que não conseguiam aprender na escola. Mas as *notas* até eram boas e, portanto, a *hipocrisia organizada* permitia a gestão corrente de inconsistências e incongruências várias numa escola organizada *para inglês ver*.

Compreendeu que as escolas tendem a ser *sistemas debilmente articulados* onde coexistem múltiplos interesses que se jogam, quantas vezes, numa *arena política* e que se sobrepõem àquela que deveria ser a sua missão central: fazer aprender o mais possível a todos os alunos.

Descobriu, com o passar do tempo, que efetivamente *há escolas que são asas*, mas muitas outras *são gaiolas*. (E não só para os alunos...) E redescobriu o *Príncipe de Maquiavel* na constatação prática de que “os inovadores criam inimigos em todos os que prosperam sob a velha ordem”. E, sendo de ciências, percebeu que até há semelhanças interessantes entre o mundo físico e o social, ao sofrer reiteradamente de fagocitose⁶ pelos seus pares que, quais fagócitos, tantas vezes destruíram as suas ideias, sonhos e vontades.

E tudo isto o desalentou. Tudo isto o vergou.

Aprendeu a calar-se. A não questionar. A não pensar. Para se defender. Para sobreviver.

Morreu a Paixão.

Tomo 3 – A ressurreição

Quando a morte da Paixão se encontrava já plenamente assumida e o exercício da profissão se resumia a um vaivém apático e mecânico entre sala dos professores, sala de aula e casa, eis que se criam as condições para a ressurreição.

Muda a Direção da Escola e com esta mudança, muda a estratégia. Naquela escola onde se encontrava há já cinco anos sentia-se um mero executor, um *entregador de currículo*. Tinha desistido de ser professor e agora, era só um *ensinador*. Mas a nova direção veio com vontade de a todos ouvir, de integrar, de empoderar, de dar voz, de fazer pensar. Com uma liderança pedagógica, focada na aprendizagem de todos (alunos,

⁶ A fagocitose é um fenómeno fundamental de defesa do organismo, segundo o qual os fagócitos englobam e destroem partículas sólidas, outras células e/ou microrganismos. (Porto Editora – fagocitose no Dicionário infopédia de Termos Médicos [em linha]. Porto: Porto Editora. [consult. 2021-11-03 17:53:37]. Disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/termos-medicos/fagocitose>).

professores, funcionários e famílias) identificaram-se, de forma colaborativa e participada, os principais problemas da escola. Elegeram-se prioridades. Criaram-se equipas de trabalho. Deram-se condições a essas equipas para trabalharem colaborativamente na escola, com todos os recursos necessários, de modo a procurarem e implementarem possíveis soluções para os problemas identificados. Aboliram-se todas as tarefas e atividades que foram consideradas pedagogicamente inconsequentes, ou seja, sem qualquer impacto nas aprendizagens dos alunos. Isto, para libertar tempo para que os professores pudessem fazer aquilo que é realmente importante: trabalhar colaborativamente, em equipa educativa, na identificação, operacionalização, monitorização e avaliação das melhores estratégias para fazer aprender aqueles alunos em concreto. A Diretora dizia muitas vezes que não se podia pedir mais tempo de trabalho aos professores, mas sim, um outro tempo. Um tempo focado no essencial. E o essencial numa escola, só podem ser as aprendizagens.

Os professores entusiasmaram-se. Galvanizaram-se. Sentiram-se desafiados. Sentiram-se importantes, valorizados. E todos aderiram a esta mudança, porque lhe viram sentido. Porque reconheceram as mais-valias de um trabalho colegial, de empoderamento mútuo, de desenvolvimento conjunto que contraditasse a solidão profissional a que haviam sido votados nos últimos anos. Bem... nem todos. Há sempre quem não adira, quem não se permita sair da sua zona de conforto, quem não queira ver... Mas esses, enquanto pequena minoria, ficaram isolados e perderam força. Alguns acabaram mesmo por concorrer para sair da escola no ano seguinte.

E neste cenário profissional de autoria e criação, ele, que pensava que todos os seus fósforos tinham sido inexoravelmente apagados, começou a sentir, novamente, o calor da combustão causada pela Paixão de Ser Professor.

Epílogo

A docência é uma profissão eminentemente relacional. Funda-se na relação com os alunos, com as famílias, com os pares. É uma profissão exercida por Pessoas, com Pessoas e para Pessoas. Não podemos, portanto, aliená-la da sua vertente humana, com todas as fragilidades e contradições que essa condição acarreta. E isso implica aceitar a vulnerabilidade dos professores aos contextos onde se movem todos os dias, tantas vezes adversos, duros, cruéis e despidos de qualquer humanidade.

É urgente devolver a Humanidade às escolas, cuidar de quem as habita diariamente: alunos, professores, funcionários. E isso significa criar condições para fazer nascer (e alimentar) Paixões. A Paixão por aprender. A Paixão por ensinar. A Paixão por criar. A Paixão por pensar. Porque se é certo que a Paixão, por si só, será insuficiente para se ser um bom Professor, a verdade é que, sem Paixão, sem emoção, não há combustão, logo, não há aprendizagem.

Saibam as escolas ser oxigénio, alimento, música, carícia.

Ser Professor: a voz fica para sempre audível no coração do seu aluno

Isolina Jorge

Há várias razões e sentimentos para viver com paixão a profissão de professor.

O que é ser professor? O que torna diferente o ofício professor? Como pode um professor fazer a diferença para aqueles que o ouvem e para aqueles que o escutam?

Ouvir a voz dos alunos torna-nos professores diferentes?

Era o primeiro dia do início desta viagem que é ser professor.

Deixava para trás a minha casa, o meu refúgio e partia para uma terra desconhecida. Para lá chegar tinha que apanhar o expresso. Eufemismo, demorava tempos infinitos em estradas estreitas repletas de curvas e contracurvas. E, no final dessa etapa, havia que apanhar a carreira que me largava a mais de mil metros de distância, que tinha de percorrer a pé com a mala às costas. Valia a boa vontade do presidente da junta e do dono da mercearia para não ter que fazer todo o percurso de forma tão penosa.

Não tinha a carta de condução e muito menos carro.

Cheguei... a aldeia ficava no topo de uma colina, que no inverno se vestia de branco.

Na bagagem levava uma mala cheia de sonhos e outra cheia de lã, para me aconchegar no tempo tão frio.

Era preciso arranjar alojamento. Ninguém tinha quartos e muito menos casa para arrendar. Depois de muita ajuda lá arranjei um lugar para ficar, situava-se no fim da aldeia, no meio de nenhures onde apenas tinha a mata e os penedos por companhia.

Era uma casa sem acabamento, onde o vento passando pelas inúmeras frinchas não se cansava de cantar músicas; nos dias mais tenebrosos fazia gemer as folhas das árvores e nos dias mais alegres elas dançavam em graciosos rodopios. No inverno, a água congelava. Precisava de deixar água a aquecer nas panelas de ferro, repousadas em brasas que timidamente acalentavam algum aconchego a este meu novo lar. Para me aquecer tinha as minhas mantas e a botija de água quente, pois um aquecedor era um luxo, que o quadro elétrico não suportava.

Primeira noite, sim, pois eu ia dar aulas à noite. Estava empolgada. Levava uma pasta repleta de informações que tinha preparado para transmitir.

Cheguei à porta da escola, pela mão da dona de casa, que me acompanhara para iluminar o caminho com o facho nessa noite escura como o breu. O carreiro por cima de penhas e penhascos não tinha luz. A escola ficava no meio de fragas e pinheiros que só a pé se tinha acesso.

Abri a porta, confiante nos bons saberes académicos que tinha adquirido, sedenta de alunos para quem pudesse esvaziar tanta sabedoria. Qual não foi o meu espanto, olhando para o grupo que me esperava e para os rostos que me fixavam tão sorridentes e atentos, encontrei não os adolescentes de que estava à espera, mas semblantes sulcados pela sabedoria da vida, onde a neve, em alguns já há muito tinha caído sobre as suas cabeças. Gente de rostos cansados depois de um dia de labuta, mas de olhares cheios de vida. Eram dezasseis seres que o presidente da junta de freguesia tinha arrebatado para ali fazer um curso. Olhei-os um a um, sorri..., mas na minha mente surgiu a névoa do temor. Que interessava àquela gente saber predicados, sujeitos, orações, classes de palavras...? Que tinha eu para transmitir àquelas pessoas, mestres da vida, que não fosse o contágio do meu sorriso e a frescura da minha idade?

Apresentei-me, chamava-me...? Vinha da cidade grande, tinha 22 anos..., e pedi-lhes que se apresentassem. O mais novo tinha 56, o mais velho 72, eram homens e mulheres, casais que deixaram o aconchego das suas casas para me irem ouvir, homens e mulheres que depois de trabalharem de sol a sol de enxada na mão, se embonecavam todos para ali estar.

De que valia o que tinha aprendido na Universidade?! Deixei que fossem os seus saberes acumulados ao longo de décadas de existência a ditar o rumo das aprendizagens. Eles ditaram-nas e eu segui-os ansiosa por saber mais e mais. Grata por aprender a ser professora, feliz por estar a desenvolver o meu sentido de escuta.

Para término de conversa, posso dizer, volvidos já mais de três décadas desta primeira ventura, nesta minha muito querida profissão, que ser professor é muito mais que lecionar, é ter um envolvimento muito maior do que apenas cumprir as demandas de um ofício. Professor é um ser iluminado, pois para além da sua base técnica e teórica, que “transmite” aos alunos, ele promove (o professor na sua essência) o conhecimento com a alma e com o coração. Os professores são mais do que amontoados de conhecimentos e competências. Os professores são pessoas que têm que trabalhar como pessoas e para pessoas. Não se tornam naquilo que são simplesmente por hábito,

ou porque adquirem saberes acadêmicos que os qualificam para o efeito. O ensino tem que estar ligado à sua vida, à sua biografia, aos seus genes, ao tipo de pessoas que são. Ser professor é muito mais que uma profissão é uma forma de ser e estar na Vida. Ser professor é ter a possibilidade de marcar, de modo indelével, Vidas. É aquele cuja voz fica para sempre audível no coração do seu aluno.

Gosto de ser professor

João Costa

Gosto de ser professor. No ensino superior e no encontro com as amigas professoras na educação pré-escolar com quem converso e descubro razões semelhantes para este gosto.

Refletindo um pouco e viajando ao passado, sei que encontro na vontade de ser professor algumas das razões para continuar a gostar de ser professor. Destaco cinco dimensões fundamentais.

Em primeiro lugar, gostei de estudar. Aliás, gosto de estudar. A escola foi sempre um lugar bom. Porque era de descoberta e de relação, lugar onde a amizade se formava nos espaços de aprendizagem. Por isso, sempre achei que a escola e a universidade seriam lugares onde seria feliz a trabalhar.

A segunda razão para a minha vontade de ser professor. Não só gostei de estudar, mas nunca quis parar de estudar, porque gosto muito de estudar. E percebi cedo que a melhor forma de continuar a estudar toda a vida seria tornando-me professor. Não poderia ser um professor competente se não procurasse recorrentemente a minha atualização científica, o meu enriquecimento cultural e o meu aprofundamento pedagógico. Na verdade, ser professor é a melhor forma de ser eternamente estudante.

São os bons modelos que também condicionam as nossas vontades. Tive a sorte de encontrar professores que me marcaram até hoje pelo seu exemplo de humanismo e de conhecimento. Fizeram da aprendizagem um processo feliz e mostraram caminhos para eu desbravar. Esses modelos são uma mão cheia de pessoas de carne e osso que sempre me mostraram como é bom o conhecimento. Foi a vê-los que pensei que gostava de ser como eles e fazer o que eles fazem.

Ser professor é poder rejuvenescer a cada setembro. Todos os anos letivos entram pessoas novas na minha vida e isso é muito bom. Esta é uma dimensão extraordinária de ser professor. É uma vida de relação e de empatia. Não é o reino da indiferença. Não somos prestadores de um serviço, mas sim construtores de novas relações, entre pessoas, entre pessoas e saberes, entre saberes e mundivisões.

Finalmente, destaco a dimensão de aventura e experiência. A educação é um mundo sem certezas. Cada aula minha é preparada, planificada, mas diferente das

anteriores. Só consigo saber se tive sucesso na minha planificação quando avalio a eficácia, quando sei se os meus alunos aprenderam. Esse lado aventureiro e experimental torna esta profissão um desafio constante, sem rotinas e isso é muito bom!

Os professores: sal da terra, luz da humanidade

José Matias Alves

Sem professores, nenhuma outra profissão existiria. Sem professores, a herança científica, tecnológica e artística tenderia a desaparecer. Sem professores, a vida social e cultural ficaria mergulhada num deslçamento caótico.

“Os professores não têm futuro. Eles são o futuro.”

Philippe Meirieu

“Ensinar não é uma atividade como as outras. Poucas profissões serão causa de riscos tão graves como os que os maus professores fazem correr aos alunos que lhe são confiados. Poucas profissões supõem tantas virtudes, generosidade, dedicação e, acima de tudo, talvez entusiasmo e desinteresse. Só uma política inspirada pela preocupação de atrair e de promover os melhores, esses homens e mulheres de qualidade que todos os sistemas de educação sempre celebraram, poderá fazer do ofício de educar a juventude o que ele deveria ser: o primeiro de todos os ofícios.”

Pierre Bourdieu

Sabemos que ser professor é uma profissão única e singular. Sem professores, nenhuma outra profissão existiria. Sem professores, a herança científica, tecnológica e artística tenderia a desaparecer. Sem professores, a vida social e cultural ficaria mergulhada num deslçamento caótico. E por isso, deveria ser o primeiro de todos os ofícios. No entanto, esta óbvia centralidade não tem tido o reconhecimento devido, seja no exterior, seja no interior da profissão.

No exterior, assistimos frequentemente a uma desvalorização do seu papel e estatuto. A uma desconsideração sobre o seu lugar no mundo educativo. A uma proletarização das suas condições de vida e de trabalho. De facto, basta lembrar a precariedade laboral de muitos milhares de professores sucessivamente contratados durante repetidos anos; a peregrinação recorrente por múltiplos lugares numa exigente adaptação a muitos contextos geográficos; o bloqueamento na progressão da carreira, congelando legítimas expetativas e burocratizando o regime de avaliação; a muito difícil tarefa de ensinar, muitas vezes, quem não quer aprender e de interagir semanalmente com muitas dezenas de alunos, todos únicos, todos diferentes; a intensificação (e a crescente complexidade) do trabalho que tende a ultrapassar largamente as horas legalmente prescritas; um estatuto da carreira docente estrangulado, funcionarizado e

mal pago; um tempo pandémico que exige tudo às escolas e aos professores numa missão de alta complexidade; e a desautorização praticada por instâncias políticas e administrativas que se não coíbem de ordenar e de mandar executar ações que deveriam ser da responsabilidade exclusiva de cada profissional ou do colégio docente.

Os fatores enunciados fazem da profissão uma prática socialmente desprestigiada e pouco atraente, havendo o risco de uma crescente falta de professores, já hoje visível em diversos grupos de docência. A conjugação desta escassez com o envelhecimento crítico da classe é de molde a instituir um grave grito de alerta que tem de ser urgentemente considerado.

Mas não são só do exterior que surgem estes sinais preocupantes. No interior da classe, há uma excessiva tentação do rebanho, uma grande dessintonia em relação às funções chave do que deveria ser um professor, uma persistente subserviência face a orientações superiores que deveriam ser ilegítimas e por isso não acatadas, um excesso de obediência burocrático-normativa que faz esquecer o dever primeiro de fazer aprender, uma clausura no fechamento da sala de aula, uma solidão existencial que tende a não ver a vantagem do trabalho colaborativo no enfrentar e no resolver os problemas de aprendizagem, uma adesão a práticas avaliativas tendencialmente seletivas e excludentes, um investimento provavelmente insuficiente na capacitação e desenvolvimento profissional.

A profissão vive, assim, entre a proletarização e o profissionalismo. E seria bom que um número crescente de professores preferisse e praticasse uma ordem profissional mais autónoma, mais crítica, mais reflexiva, mais comprometida, mais solidária, mais colegial e mais inscrita no território onde se exerce. Pois só esta ordem nos redime da tentação canina e nos salva.

Mas esta opção exige uma radical desaprendizagem e uma reinvenção da pedagogia. Neste tempo tão exigente e cruel, precisamos de olhar, ver, reparar e intervir. Desaprender o vício da exposição, a servidão do dar a matéria e cumprir o programa, a comodidade do ensinar a todos como se todos fossem um. Fazer a identificação do que é dispensável ensinar e aprender, prescindindo de tudo o que sobretudo visa operar a distinção e a segregação escolar. Selecionar o que é social e humanamente relevante, nunca descurando a empregabilidade social dos saberes. Implicar os educandos na procura dos problemas e das soluções, organizando situações

didáticas de participação, de pesquisa, de debate, de produção de conhecimento que ilumine a ação. Diversificar e contrastar as fontes de informação, escrutinar a fiabilidade, perceber a verdade e a falsidade. Multiplicar os canais de comunicação, os sistemas de entreajuda e complementaridade. Clarificar as metas ou os objetivos a alcançar e os caminhos e recursos que poderão sustentar um trabalho progressivamente mais competente, responsável e autónomo. Clarificar *ab initio* os critérios, os instrumentos e os procedimentos de avaliação, as condições de êxito e inêxito, as regras do jogo avaliativo. Valorizar a função reguladora, emancipadora e democrática da avaliação que deve ser muito mais importante do que a função classificativa/certificativa. Reconhecer e valorizar as inteligências múltiplas e saber que o sucesso tem de ser conjugado no plural, porque não há um, mas vários sucessos e a escola tem de os ver, reconhecer e valorizar. Criar e adotar múltiplos instrumentos de avaliação, relegando o teste escrito (os dois por período) para um secundaríssimo plano. Exercer a autoridade no seu sentido pleno e original de fazer crescer o outro em responsabilidade e autonomia. Dispensar a ameaça que inibe e o medo que paralisa procurando fundar uma comunidade exigente e solidária.

Também por estas razões, este é, como disse Bourdieu, o primeiro de todos os ofícios: o mais exigente, o mais necessário, o mais sensível, o mais delicado, o mais difícil. Um ofício que deveria merecer um outro suporte social e político, um outro olhar, um outro reconhecimento. A esperança e a confiança passam, necessariamente, por aqui.

[texto inicialmente no jornal Público, 5 de outubro 2020]

Ser Professora – um ato de jardinagem

Laura Moreira Melo e Faro

‘Sou professora!’. Digo-o com orgulho e com a expetativa e nostalgia que a expressão carrega: orgulho porque é uma vocação desafiante e nobre, expetativa por cada setembro que começa e nostalgia pela saudade do muito que já vi com e para os outros. Tantos outros — tantas as ‘flores do meu jardim’! Quase desde sempre associei a arte docente à metáfora do jardim. O meu grande jardim contém todas as ‘flores’ de que cuidei ao longo de trinta anos de ‘ser professora’..., de tantos ‘canteiros’ quantas as turmas que me foram confiadas. C. S. Lewis compara o amor a um jardim do qual nós somos os jardineiros. A metáfora é esclarecedora: diz-nos que a paixão, o enamoramento, é uma prova de espanto e de beleza. Porém, o jardim só será verdadeiramente grandioso, se arregaçarmos as mangas e fizermos o trabalho paciente, metuculoso e exigente do jardineiro. Qual jardineiro, o professor, na sua ‘missão’ de ‘jardinagem’, não enfrenta um trabalho fácil e é aí que reside o grande desafio: haverá um tempo para admirar a beleza do jardim e um tempo para tirar ervas daninhas; um tempo para regar e um tempo para podar; um tempo para saborear e um tempo para suar; um tempo para sorrir e um tempo para chorar. No amor, como no jardim, estamos com o corpo todo. E só assim ser professora faz sentido para mim.

Para mim, ser professora não é apenas cumprir uma tarefa, rotineira e ‘cinzenta’..., sem cor... sem ação..., sem coração! Sinto-me (quase sempre) uma privilegiada por fazer o que gosto. Por conseguir viver uma profissão tão estimulante e tão desafiante, com cor e não de forma mecânica! Sinto-me (quase sempre) uma privilegiada por, apesar de lógicas de ação por vezes paralisantes, não me deixar morrer profissionalmente, não querer desistir e ir resistindo, conseguindo, dia após dia, como afirma Matias Alves, “inventar dias mais claros”. Ser professora é uma realização pessoal: vejo-me e revejo-me nessa função, que desempenho com gosto. Sou feliz. Tenho orgulho no que faço e, a maior parte das vezes, como faço. Dito assim, parece tarefa fácil. Pois não é: “ensinar só é fácil para quem nunca entrou numa sala de aula”, como diz Nóvoa.

E de onde vem esta minha paixão? Não nasci professora – fiz-me. Fiz-me professora através de uma alegria grande em ensinar, ao perceber que os resultados do meu trabalho são visíveis na evolução dos alunos. Creio que ensinar não é apenas

transmitir conhecimentos, gosto de querer bem aos alunos, consciente de que a obra é imperfeita e a mudança é criativa. Sem estes 'ingredientes', a prática educativa perde 'sabor'. Ao longo de 30 anos de serviço, tento fazer da vocação uma devoção e cumprir amorosamente o dever de formar os alunos, apesar das adversidades que existem, mas que não podem sobrepor-se à magia de ensinar. A magia que está em cada olhar, em cada instante passado com o aluno... Certo é que não há receitas, há, sim, sensibilidades a apurar e a aprender. Há que estar disponível para o aluno, acolhendo-o na sua unicidade e criando respostas adequadas para cada um. E assim vou vivendo a paixão de ser professora, animada pela diversidade de tarefas, pelo contacto com os alunos, pela experimentação de novos métodos de ensino, pela oportunidade de realizar um trabalho em que deixamos sempre a nossa marca pessoal, pela imprevisibilidade do quotidiano, pelo processo de tentar encontrar soluções diferentes para problemas diferentes, ou mesmo soluções diferentes para problemas semelhantes, pela recolha de informação atualizada e pertinente sobre os temas a ensinar, pela preparação de aulas com materiais originais, pelo trabalho com os colegas, pela partilha de ideias, pelo enriquecimento mútuo e ainda pelo reconhecimento que, às vezes, recebemos dos alunos, dos pais, ou mesmo dos colegas — o balão de ar que nos devolve a convicção de que nada foi em vão e de que tudo vale sempre a pena. Enfim, sempre tantos e novos desafios que encontramos a cada ano, a cada turma, a cada aluno, e que se vão cruzando connosco na nossa profissão. Esta sensação de bem-estar, não pode, porém, cegar-nos para a realidade. Não obstante o otimismo com que tenho encarado a profissão, constatei e vou constatando, seja por experiência vivida, seja por experiência testemunhada, que a vida de um professor é pontuada por algum sofrimento: o trabalho docente exige travessias solitárias que nos levam a arrostar, sozinhos, muitas adversidades: o tempo e o espaço são sistematicamente espartilhados, a incerteza da eficácia das estratégias pedagógicas selecionadas invade-nos, a impotência perante problemas trazidos de casa pelos alunos é uma realidade... Reconheço estas contrariedades, a desmotivação, o cansaço, a evidência das 'ervas daninhas'. Talvez tenha sido tocada pela sorte... talvez tenha sido abençoada: faço verdadeiramente o que gosto, o que me dá um profundo sentimento de realização pessoal e profissional. Experiencio a 'alegria de ensinar' — o entusiasmo, a dádiva, a entrega, o sucesso... e a sensação de missão cumprida. E a missão cumprida, sinto-a sempre que ousar, para cada

grupo que me é confiado, ser uma professora capaz de marcar positivamente, capaz de prender, de cativar, de me emocionar com os alunos, de celebrar os seus sucessos e os ajudar a superar as adversidades, capaz de dar colo mas também de ‘passar o sermão’, de repreender, se necessário. Ouso, ano a ano, almejar a meta feliz de ser alguém que os alunos levam no coração e de quem recordam a voz, o olhar e o perfume.

Enfim, 30 anos depois, sei que aprendi a encantar-me com a docência e a deixar-me cativar por ela. Conheci a importância de amar para cativar. A importância de ver com o coração. Aprendi a ensinar, desnovelando os alunos e puxando os fios de outros encantos, outros seus talentos que aprendi a descobrir. Aprendi a deixar-me encantar: encantam-me os alunos e os desafios que nos lançam em cada dia, dias sempre diferentes, apesar das horas certas do toque da campainha; encantam-me as matérias e o desafio de as tornar diferentes, atuais e capazes de cativar e despertar os mais adormecidos; encantam-me os olhares, os gestos, os constantes desafios a fazer mais, a fazer melhor, a fazer sempre diferente. Aprendi a ser feliz e a fazer feliz. A servir o Outro e a dar-me. A fazer sacrifícios, elevando-me neles e com eles. Aprendi a ser semeadora e jardineira comprometida na minha missão. Aprendi o exercício da imortalidade! Aprendi a inquietar-me sempre... e a semente da inquietação obriga-nos a caminhar...

Espero que “o meu jardim” seja sempre um jardim encantado e um jardim de esperança, onde viva semeando e cultivando, na esperança de ver nascer algo de Bom: pessoas livres, responsáveis, com esperança, com sentido crítico e consciência moral, sociáveis, compassíveis e comprometidas com a justiça. Sei, claro, que, não obstante a magia, posso cair no marasmo, pondo cinzento em vez de cor, espera em vez de realização e deserto em vez de caminho feliz. Que eu ouse sempre não cair nesta tentação... Quero continuar a sonhar com outros jardins... e a ver crescer viçosas e felizes as minhas flores!

Sobre a Paixão de Ser Professor

Lídia Serra

Ser professor vai além do simples exercício de uma profissão com integridade, empenho resiliência, ética, moral ... enfim, do mero profissionalismo. Ser professor é viver veemente e incessantemente a simples razão de ser professor e talvez por isso se afirme que ‘os professores nascem, não se fazem’. Na verdade, ser professor implica assumir um *ethos* em permanente construção, arrogando uma vivência que conjuga a razão com a emoção, o conhecimento com a sensibilidade, a tecnicidade com o humanismo, a tenacidade com a confiança! Ser professor reside no desafio de viver a paixão da profissão.

Ser professor no século XXI, vai muito além do simples processo de ensinar. Ser professor requer a capacidade de suportar e sustentar as aprendizagens dos alunos do e para o século XXI. É sobejamente falado que a humanidade vive o mais desafiador de todos os tempos. Esta geração de alunos, e com muita certeza as próximas, terão a responsabilidade de encontrar as soluções para os grandes desafios sociais, ambientais e económicos de uma sociedade tecnológica caracterizada pela mudança acelerada, numa sociedade que vive sob o desiderato da inovação e o escopo de mais e mais transformação. Estes são tempos que exigem aos cidadãos competências transformadoras – assumir responsabilidades, criar novo valor e reconciliar tensões e dilemas (OCDE, 2019). Estes são tempos, de acordo com Shomberg e Blok (2021, p.4668), em que a ‘inovação entrou numa era turbulenta’ sob o enfoque de ‘permitir que os resultados dos processos inovativos se tornem mais responsáveis e desejáveis’, sendo que a educação não está alheada deste desígnio. Esta visão para o futuro tem de povoar as nossas escolas e os professores têm de abraçar a metáfora da OCDE (2019) que remete para uma bússola de aprendizagem que enfatiza a ideia de gerar nos alunos aprendizagens que lhes permitam navegar por si próprios através do desconhecido – o futuro.

A educação, que tem permanecido mais ou menos estagnada ao longo do último século, tem de abraçar também a mudança e empreender uma metamorfose que transforme as escolas em espaços de paixões... a paixão dos saberes, a paixão pelo aprender, a paixão de fazer renascer a mesma e maior paixão nas crianças e jovens e de

manter acesa a mesma paixão nos professores. Não há mais lugar para uma escola estagnada, para professores convencionais, para lideranças conservadoras... para uma escola que continue a viver no passado, operando sob as forças motrizes de uma sociedade da era da revolução industrial. É preciso revolucionar a escola, as mentalidades... Por isso os professores também vivem tempos desafiadores e ser professor tornou-se talvez na mais exigente de todas as profissões! Ser professor é abraçar as múltiplas paixões deste ofício.

A primeira paixão do professor reside naquela que corresponde ao coração da profissão - ajudar a construir os sonhos das nossas crianças e jovens. Esta paixão, enredada na própria essência do que é ser professor, faz-nos querer estar ao lado de cada jovem, suportando-os e alicerçando a construção das aprendizagens sob o desiderato dos quatro pilares da educação defendidos no relatório da UNESCO 'Educação – um Tesouro a Descobrir': aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser. Contudo, sem a paixão do professor por aquilo que ensina e sem a paixão de partilhar esse conhecimento, as salas de aula tornar-se-iam enfadonhas e disruptivas. Ensinar sem esta paixão seria meramente debitar conhecimento em ações desgarradas. Wangberg (1996) destaca que ensinar com paixão implica criar 'o potencial de elevar o interesse dos alunos pelo aprendizado' e, assim, criar 'aprendizes apaixonados' através do 'entusiasmo', da 'imersão nos assuntos', da 'criatividade e da inovação' e da 'aprendizagem do professor'. Fazer nascer a mesma ou maior paixão nas crianças e jovens, inspirar os alunos e procurar despertá-los para o saber é a mais árdua tarefa de um professor e consegui-lo é, verdadeiramente, vivenciar a plenitude da profissão. Isto leva-nos a outra paixão do que é ser professor – a paixão de aprender ao longo da vida, para compreender, para refletir, para encontrar conexões e sentidos e construir caminhos e pontes para responder à diversidade na sala de aula, para manter o sonho vivo e continuar a tecer os múltiplos sonhos que resplandecem nas salas de aula. Freire (2000, p.124) recorda-nos que 'sem sonho e sem utopia, sem denúncia e sem anúncio, só resta o treinamento técnico a que a educação é reduzida' e, por isso, é preciso alimentar os sonhos e manter as paixões nas salas de aula acesas!

Assumir com paixão a profissão de ser professor implica agarrar outras paixões, a paixão de vivenciar a profissão em comunidades de práticas numa interiorização da mensagem de Paulo Freire (1977, p.79), no seu livro *Pedagogia do Oprimido*, 'ninguém

educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo'. Em conjunto, os professores precisam de perfilhar um espírito de continuar a aprender, de uma comunidade aprendente, quando leem, quando pesquisam, quando analisam a sua ação, quando planificam, quando realizam o ensino e aprendizagem em conjunto... Cada vez mais as escolas precisam de buscar e encontrar soluções para os problemas da educação através do diálogo, da partilha, da análise, da reflexão, do conhecimento, da construção conjunta e, assim, assumir-se como uma ferramenta poderosa para mudar o mundo e dar o seu maior e melhor contributo para a construção de uma sociedade melhor. Como a escola não se restringe apenas àqueles que trabalham nas escolas e aos alunos, mas implica também as famílias, porque a escola é a comunidade escolar, é necessário também fazer emergir a paixão de engajar os pais e encarregados de educação no processo de ensino e aprendizagem e, nuns casos, lidar com as suas expectativas e noutros gerar expectativas que levem a maior envolvimento e participação. Cultivar sinergias, incluir as partes, envolver todos é erguer as bases para construir uma escola responsiva aos desafios da sociedade. É preciso uma escola de agências, o mesmo será dizer que é preciso uma escola de múltiplas paixões, uma escola que gere implicação em todos e se transforme numa escola mais democrática, uma escola inclusiva. Enfim, será o mesmo que dizer, no caso do professor, que se trata de abraçar a paixão pela agência de ser professor...

Referências

Freire, Paulo (1977). *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Freire, P. (2000). *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Unesp.

OECD. (2019). *OECD Future of Education and Skills 2030 - OECD Learning Compass a Series of Concept Notes*. http://www.oecd.org/education/2030-project/contact/OECD_Learning_Compass_2030_Concept_Note_Series.pdf

von Schomberg, L., & Blok, V. (2021). The turbulent age of innovation. *Synthese*, 198(s19), 4667–4683. <https://doi.org/10.1007/s11229-018-01950-8>

Wangberg, J. K. (1996). Teaching with a passion. *Education Connection*. *American Entomologist*. 199-200. <https://facultyacademy.ucmerced.edu/content/teaching-passion>

A Paixão de Ser Professora: alguns exemplos

Lídia Sousa

Há várias razões e sentimentos para viver com paixão a profissão de professor. Eis alguns exemplos possíveis, retirados de uma página do meu diário.

Arpino, Roma - 13 de outubro de 2021

O dia começou com o encontro internacional de alunos e professores portugueses, italianos, suecos e checos no âmbito do projeto “Untold European Stories” do programa ERASMUS +.

Ao longo desta semana trocamos experiências literárias, e tantas outras, baseadas nas obras de autores de todos os países participantes.

Hoje declamámos, traduzimos e recitámos, em praças públicas, escadarias de igrejas e antigas cidadelas, poemas de autores de cada um dos países-membros deste projeto.

Os alunos portugueses escolheram Sophia de Mello Breyner Andresen, e declamaram o poema “Liberdade” em português; os outros alunos seguiram o mesmo método de trabalho nas respetivas línguas. Todos analisaram e traduziram os poemas dos parceiros de outros países Juntos, alunos e professores discutiram outros olhares. Seguiram-se-lhes ensaio, performance e/ou gravação.

O desafio, o entusiasmo e a vontade de superação foram constantes: “Podemos ler mais uma vez? A minha parte ainda não está no ponto...” Depois, o orgulho: palmas e júbilo! O brilho nos olhares. Ideias novas para a próxima vez.

São estes os fatores essenciais - as razões e os sentimentos - catalisadores do gosto e da paixão. Esta semana foram observáveis fora dos limites físicos do espaço escolar e das salas de aula e, talvez por isso, mais explícitos a título ilustrativo, mas, na essência, os mesmos.

No fundo, o que me interpela enquanto professora? Quais as minhas responsabilidades? O que mantém viva a “paixão”, fugaz por definição, durante tantos anos?

Seguramente:

- o contributo para a (co)construção de alicerces educativos: sociais, socioafetivos, culturais e de aprendizagem, entre outros;

- o incentivo e o acompanhamento dos alunos em termos de vivências e de experiências de aprendizagem;

- as oportunidades de leitura do mundo;

- a atribuição de sentido às aprendizagens e respetiva flexibilização;

- a abertura de horizontes — meus e dos meus alunos;

- a formação de públicos;

- a valorização da diversidade;

- a interiorização da inclusão;

- o entendimento e o respeito mútuo;

- a perseverança e a resiliência;

- a colaboração e interação como modos privilegiados de ação;

- o investimento no indivíduo como ser único e como cidadão do mundo;

- o contributo para a melhoria educativa e das comunidades humanas;

Talvez:

As interações entre os fatores enunciados, a respetiva (re)combinação e a infinidade de outros tantos que prefiguro e, entretanto, emergem e se consolidam.

Espera-me, entretanto, uma visita à reserva natural Lago di Posta em Fibreno, com professores e alunos, acolhidos por professores e alunos italianos dos diversos ramos do liceu clássico Tuilliano.

Aprender é um percurso. A caminhada é comum. Talvez seja a vontade de prosseguir caminho adiante e fazer melhor a razão subjacente ao gosto de ser professora; talvez o testemunho das pequenas-grandes conquistas dos alunos. Em todo o caso, os alunos, sempre.

Trabalhar para que os sonhos se cumpram

Luís Manuel Afonso Gonçalves

Em 5 de outubro de 2021, ser professor é num primeiro momento ser um leitor de olhares, ver o que os olhos dizem, ser capaz de reparar em cada aluno.

Esta leitura ajuda-nos a compreender o que (pré)ocupa a cabeça e o coração dos nossos alunos, e que muitas vezes impossibilita a sua capacidade para aprender, e a partir daí caminhar com cada um no trilho da aprendizagem.

A atenção que damos aos nossos alunos, percebendo o que os afeta, permite-nos buscar soluções para o problema. Acredito que este deve ser o primeiro passo na relação que temos com o aluno.

Esta tarefa desafia-nos a estar próximos dos nossos alunos, dentro e fora da sala de aula, para que possamos desenvolver um bom relacionamento, que seja promotor de um trabalho em conjunto que decorra de forma harmoniosa e responsável.

Ao professor cabe a tarefa de ajudar o aluno a articular a inteligência, o coração e a vontade. Esta ligação deve ser facilitadora de uma aprendizagem integral e inclusiva, que vai promover em cada aluno o aparecimento das diferentes competências que queremos que os futuros adultos venham a ter.

O professor deve ser um testemunho verdadeiro para os seus alunos, fazendo da sua prática um laboratório de humanidade, que ajuda o aluno a ser uma pessoa comprometida, curiosa, comunicativa, com capacidade de se emocionar, empática, entre outras.

O testemunho que damos e o cuidado que revelamos são as aprendizagens que vão nutrir o crescimento dos alunos.

A maior parte dos alunos quando sai da escola, o que leva na “mochila da memória”, são recordações de situações em que nós professores fomos protagonistas. Dessas situações as que ficam são aquelas em que não agimos bem, ou outras em que intervimos de forma positiva. Alguns (creio que não tantos) vão lembrar-se de algumas aprendizagens que por alguma razão foram realizadas de forma significativa. Pensemos cada um de nós, quais as memórias que tem das escolas que frequentou.

Esta paixão que temos de ajudar a crescer integralmente, será a razão que me move no meu dia a dia e acredito que nos move a todos que temos o privilégio de ser professores.

As competências que queremos promover nos nossos alunos podem e devem ser integradas também em sala de aula. A capacidade que temos de fazer os alunos acreditarem que são capazes, a valorização do que cada aluno já sabe, o compromisso que deve existir entre todos, o testemunho e o respeito que cada professor tem em relação aos seus colegas e a outras áreas de aprendizagem, são também formas concretas de valorizar a escola e de esta ser um alicerce em que os alunos podem confiar e acreditar para crescer.

A nossa ação educativa deve por isso, estar imbuída de um otimismo consciente, que implica uma atitude de perseverança e crença na capacidade de cada aluno ser capaz de aprender e de se superar. Temos a responsabilidade enquanto comunidade, de não defraudar as expectativas dos nossos alunos para alcançarem os seus sonhos, sabendo no entanto, que o caminho nem sempre é fácil.

Termino a minha reflexão com uma frase que pertence ao fundador dos Irmãos Maristas, S. Marcelino Champagnat, “a Educação é uma Obra de Amor”.

A Paixão de Ser Professor: razões e sentimentos

Margarida Natália Santos Pires Araújo

Quando me questionavam. – *O que queres ser quando fores grande?* A resposta era sempre a mesma. – Professora! Não havia lugar a hesitação nem a desconfiança.

No meu restrito mundo, a figura da mãe e, simultaneamente professora, tornou-se inspiração, mais pelos atos do que pelas suas próprias palavras. Sempre vi amor e dedicação, empenho e respeito pela profissão de quem partilhava comigo as 24 horas do dia, de quem me estava próximo e transmitia os valores essenciais para um futuro cada vez mais imbuído em certezas do que em dúvidas.

Nesta caminhada que venho fazendo há mais de um quarto de século, sinto a cada dia que o legado, e simultaneamente o sonho, se foi alicerçando e construindo para além da vocação. Citando Paulo Freire, *“eu nunca poderia pensar em educação sem amor. É por isso que me considero um educador: acima de tudo porque sinto amor”*.

Quem se desafia a ser professor é desafiado a manter-se apaixonado com a profissão. Neste sentido, o ato de ser professor traduza uma expressiva diferença relativamente ao ato de dar aulas. Ser professor é ser um mediador e educador que enfrenta múltiplos desafios fazendo pensar e agir sobre novos caminhos. É uma profissão vista paradoxalmente como uma das formas mais genuínas de transmitir e receber amor e outras tantas de sofrimento e angústia. Contrariamente, o ato de dar aulas requer esforço, preparação e dedicação.

Sem me querer desviar da minha prática e testemunho, vou adaptar a expressão de René Descartes – *“Faço logo existo”*. É verdade! Ainda continuou a enfrentar cada dia de trabalho com a mesma motivação, resiliência, com as mesmas cores e cheiros com que iniciei esta caminhada em 1993, considerando de forma perentória que é da capacidade da ação que surge a robustez do professor que continua a ensinar com alegria perspetivando um futuro melhor.

Como não há rosas sem espinhos, os professores atualmente encontram-se num permanente fogo cruzado. Vivem-se, de certo modo, tempos de angústia e de desvalorização da profissão, experienciando-se um efeito *“boomerang,”* pois estes profissionais do saber são os responsáveis por tudo e no final acabam por ser responsabilizados também por tudo. Infelizmente quando se fala da profissão de

professor tudo se encaminha para aspetos negativos sendo estes, os mesmos, a dar o corpo às balas pelos falhanços do próprio sistema educativo.

Contrariamente ao meu testemunho pessoal, se hoje um filho nos disser que quer ser professor, muitos dirão: - *“ando eu a criar um filho para isto...”*. Longe vão os tempos em que os professores eram reconhecidos pela sua identidade profissional, como portadores de ideias de futuro e sobretudo julgados com respeito e dignidade. Hoje são vistos como uma classe envelhecida, conservadora, desmotivada e pouco capazes de se abrir para o futuro. De forma persistente e resiliente acredito que continuamos a fazer toda a diferença, pela positiva, uma vez que ostentamos uma certa grandeza intrínseca e servimos de inspiração para muitos jovens pelo impacto que provocam nas suas vidas.

Há várias razões e sentimentos para viver com paixão a profissão de professor.

Nesta fase do meu percurso profissional poderia elencar inúmeras razões para se viver a profissão de professor com paixão. Da minha experiência pessoal, a principal relaciona-se com o dom peculiar, comparativamente com qualquer outra profissão. O professor nasce com um propósito: educar e é no papel de educador que se compromete com as suas práticas. Todos os dias inova, transforma, toca e faz com que, diariamente os seus alunos encontrem a melhor versão de si próprios. O professor tem a possibilidade de despertar sonhos, e influenciar comportamentos. Faz toda a diferença na forma como as crianças ficarão preparadas para enfrentar o seu futuro... o nosso futuro.

Encontraremos outra profissão ou profissional que possa ser tão querido? Duvido. Os professores que conseguem despertar o carinho dos alunos estão um passo à frente dos demais. Quando assim acontece, que outra profissão é tão valorizada e tem tamanho reconhecimento? É de veras um feito valioso e quase impossível. A verdade é que poucos se podem orgulhar de fazer esta diferença, tão positiva na sociedade como um professor.

Quando as condições de trabalho ajudam e estão a “favor do vento”, podem influenciar os alunos a respeitarem-se mutuamente, a valorizarem questões ambientais e culturais e a preocuparem-se com aspectos sociais. O professor pode despertar a capacidade de respeitar as diferenças, e também a conviver bem com elas. Um professor pode ser lembrado num plano longínquo e perpetuado, na cabeça de milhares de cidadãos seja por experiências vividas, conhecimentos passados e sobretudo pela

capacidade de fazer diferença, mesmo assim, muitos dirão: É um meio desgastante, pouco motivador e apelativo onde se fazem as mesmas coisas todos os dias? Errado! Se há algo que não existe, é uma rotina fixa. Todos os anos se encontram novos alunos, histórias de vida, momentos de superação, ainda que, sem a real consciência do impacto do seu trabalho que parece, aos olhos de muitos, ser invisível.

Por todas as razões e sentimentos vividos ocorre-me citar Almada Negreiros quando refere:

“Quando eu nasci, as frases que hão-de salvar a humanidade já estavam todas escritas, só faltava uma coisa - salvar a humanidade”. Vai sendo tempo de aprender a valorizar e reconhecer a profissão pois o professor tem o futuro nas mãos!

Ser professor... vocação, paixão ou acaso?

Maria Clara Ferreira

A Vida é feita de caminhos possíveis e, por vezes, de alguns atalhos!

Falar de vocação aos quinze anos, salvo raras exceções, não passa de uma falácia. Na verdade, a minha meninice não favoreceu nada uma maturidade antecipada e, como tal, terminei o quinto ano do liceu sem saber bem que rumo tomar. Continuei naturalmente para o sexto ano, até por não ter idade para qualquer alternativa. Em casa, rodeada de três professoras do ensino primário, todos me empurravam para medicina, curso seguido pelo único irmão. Também eu me deixava encaminhar nesse sentido. No fim desse ano letivo, durante as férias grandes, uma amiga me falou das vantagens de um curso de duração mais curta, do “disparate” de passar uma vida a estudar. Influenciável e imatura, deixei-me seduzir e tentei convencer os familiares a custear uma preparação para o exame de acesso à então Escola Normal ou Escola do Magistério Primário. Em casa, ninguém ficou agradado e não surgiram voluntários para pagar a frequência da referida preparação (na esperança de uma reprovação). Fui sendo informada dos trabalhos realizados nas explicações e fui estudando sozinha. Em abono da verdade, rapidamente percebi que os conhecimentos exigidos no Exame de Admissão não eram nada que não fosse necessário no Exame de Admissão aos liceus. Mesmo sem grande esforço durante essas férias, não desisti de comparecer ao exame e até consegui um bom resultado. Apesar disso, em casa fui muito pressionada para não dar seguimento à minha pretensão e só com a promessa de fazer o sétimo ano é que permitiram que frequentasse o Magistério.

Com dezoito anos, o Curso do Magistério Primário e o sétimo ano acabados, nem assim me sentia suficientemente adulta para enfrentar uma turma... de rapazes, alguns com quase quinze anos!

Apesar do embate, apaixonei-me por aqueles meninos – homens e trabalhei com todo o afinco e capacidade de que a minha experiência era capaz. Tinha um horário de manhã e ajudava os alunos, gratuitamente, durante a tarde, para que conseguissem atingir objetivos demasiado ambiciosos para aquele nível... ainda era tempo de exames de quarta classe, solenes e exigentes, na sede do concelho.

Cresci e amadureci mais nesse ano de trabalho do que em todo o percurso acadêmico... e não me saí mal!

Alguns anos mais tarde, colocada que fui no Ciclo Preparatório TV, vulgo Telescola, senti necessidade de aprofundar conhecimentos, até por ter que ensinar na área de Letras quando havia enveredado pela alínea F (área de Ciências). Apesar das críticas negativas que frequentemente ouvi a este tipo de ensino, posso afirmar que nunca até aí havia encontrado um apoio (pedagógico e científico) tão constante, personalizado e próximo. O Orientador Pedagógico não era um “papão”, mas um amigo a quem se recorria e com quem se tiravam dúvidas sem qualquer receio. Era vulgar haver aulas assistidas, mas as críticas eram sempre apontadas sob a forma de sugestões. Foram quase duas décadas em que fui feliz, em que me apliquei muito, evoluí e senti que era reconhecido o meu trabalho. Com natural gosto pela Matemática, dediquei-me ao Português e ao Francês e não mais deixei de estudar.

Contudo, um ano extremamente difícil ainda vinha a caminho... com a extinção da Telescola, regressei ao Ensino Primário (assim se dizia na altura) e foi-me confiado um primeiro ano. Difícil, muito difícil adequar a linguagem... pedir frases sobre um qualquer tema a crianças sem a noção de frase! Lamento, mas tenho de reconhecer que, neste ano de mudança, deveria ter havido maior sensibilidade no sentido de me ser entregue um quarto ano.

Todavia, esta dificuldade serviu de motor para acabar a licenciatura e poder mudar para uma Escola C + S. Aí, terminei o meu percurso no ensino, aí me senti realizada, aí trabalhei com algumas turmas cujos alunos eram, na sua maioria, filhos dos que me haviam sido confiados na Telescola. Aí, sempre senti reconhecido o meu empenho e verifiquei muitos e bons frutos de décadas anteriores.

Passados que foram tantos anos, ficou a certeza de que a vocação também pode ser orientada, se estivermos motivados, mas ficou também a convicção de que a relação professor / aluno é parte importante no processo de ensino / aprendizagem. Nunca consegui aceitar que, em relações humanas tão intensas como as que acontecem na escola, ao professor seja vedada qualquer marca no seu aluno. Somos pessoas e também eu tenho marcas indeléveis que me ficaram de muitos deles.

Sei que cometi erros, certamente falhei algumas vezes, mas afirmo convictamente que sempre pautei a minha atuação por critérios que visavam o melhor para o futuro de

cada aluno. O que começou por acaso passou a ser vocação, foi quase uma paixão e sempre procurei contribuir para a formação de cidadãos pensantes, felizes e úteis.

A Paixão de Ser Professor: razões e sentimentos

Maria José Ferreira

Há várias razões e sentimentos para viver com paixão a profissão de professor. As minhas razões distribuem-se por **três dimensões**.

1. Saramago sublinhou na sua obra o peso do que já vivemos no que somos em cada momento. Por isso, começo pela **dimensão da memória**. Nela deposito a minha *identidade*, os meus *valores*, a minha *esperança*.

Da memória I: Fui aluna quando ir à escola mais do que quatro anos era um luxo a que só alguns acediam. Pertencendo a uma família humilde, isso foi para mim um verdadeiro privilégio. Recordo esses tempos e vejo-me na escola primária com colegas descalços e famintos que levavam reguadas porque não sabiam a tabuada e davam muitos erros. Contudo, e disso também me lembro muito bem, eram os que melhor jogavam ao pião e à macaca, os que, com quase nada, construía as melhores fisgas e os mais rápidos carrinhos-cabo-de-vassoura e os que, com grande estratégia e engenho furtavam os lanches dos meninos-sem-frio-com-pais-atentos e, pelos campos, roubavam fruta, cebolas e pepinos e tomates, para matarem a fome. Estas crianças eram um potencial em bruto! Muitas delas, nem a 4ª classe concluíram.

Da memória II: Lembro, como se fosse ontem, a primeira vez que entrei na escola, onde desde há 40 anos, sou professora! Nesse dia luminoso de Setembro, o cheiro a novo daquela escola colorida e o regozijo genuíno que senti entranharam-se-me na memória para sempre. Não foi só o facto de estar a concretizar o sonho que guardava em mim desde a infância. Pressenti que aquele edifício virgem, ainda a cheirar a tinta, iria moldar o meu futuro, porque, em tempos de primeiros passos da democracia, ele próprio era começo, campo a lavrar, desafio, esperança. E assim aconteceu.

2. Já passaram os tais 40 anos. Desempenhar uma profissão durante tanto tempo e chegar aqui convicta de que ainda tenho muitas coisas da minha profissão para aprender, soa, se calhar, a idiotice. Isto leva-me à segunda dimensão: **os sentidos da vida**. Neles aconchego a minha *curiosidade* de saber, a *dedicação* de que procurei (e

procuro) impregnar o meu fazer e as *expectativas* que sempre fui (e vou) criando e ultrapassando.

Todos nós, de uma maneira ou outra, tecemos e procuramos encontrar sentidos para o que vivemos e somos. Algo que faça de nós seres humanos felizes e que, porventura, leve o nosso testemunho até às gerações vindouras da nossa família. Ser professor durante toda uma vida, pelo que implica para si próprio e para outros, só pode ser um dos mais importantes sentidos da vida duma pessoa. Por isso, não pude (e não posso) encarar a minha profissão de forma pouco séria ou ligeira. Não pude (e não posso) deixar de questionar sempre o que e como faço o meu trabalho, se este, de várias maneiras, pode condicionar a vida e felicidade de outros. Não pude (e não posso) senão querer aperfeiçoar sempre o *know how* da minha profissão, para melhor atender e acompanhar os anseios e as expectativas de todos aqueles para e com quem trabalho e que, ao compasso da sociedade, estão sempre a mudar. Não pude (e não posso) deixar de sempre tentar melhorar, experimentando e *quiça* falhando, se esse é o sentido da minha profissão. Sempre assumi (e assumo) a convicção de Zabalza de que todo o professor é inacabado e em processo de aperfeiçoamento, e, sem pretender dar passos maior do que a perna, tento sempre fazer o que posso para me aperfeiçoar. E tenho-o feito ao longo da minha carreira, procurando e fazendo bastante formação institucional específica e, de forma muito particular, cooperando e partilhando com os meus pares sucessos e percalços e saberes profissionais, dando e recebendo sempre muito. É com esta troca que quase sempre mitigamos o desconforto das revezes e ganhamos alento para avançar. Mas sempre, sempre, aprendendo com os meus alunos que, sem se aperceberem, constantemente me desafiaram (e desafiam) a visitar-me e a ultrapassar-me.

3. Enfim, hoje, à beira da aposentação, muito poderia dizer sobre o encantamento e as agruras de ser professor, lados de uma mesma moeda, sem dúvida! Joaquim Azevedo considera os professores *construtores dum presente com futuro* e releva a importância do seu papel social na construção de uma melhor sociedade para todos. Um sistema de ensino bem organizado e bem gerido, servido por bons professores são o garante de que esse futuro acontecerá. Este autor considera que uma das mais importantes características da profissão docente é a capacidade de sentir

genuinamente *compaixão*, ou seja, a capacidade de se transportar para o lugar do outro que sofre por algum motivo e tentar sentir o que ele sente, para melhor o compreender. É esta a minha terceira dimensão, a **dimensão da compaixão**. Nela guardo *o cuidado* e *o propósito moral* que me fazem ter um olhar mais atento para os alunos mais frágeis e desamparados. E de novo, *a esperança*.

Nunca consegui deslaçar a amargura da imagem dos meninos descalços e esfomeados que frequentaram comigo a primária. Eram como potros selvagens, agressivos e provocadores e, naqueles tempos, a escola pouco ou nada exercia a compaixão. Cada um era para o que nascia, era para o que dava...

Afortunadamente, com a aragem trazida pela porta-que-abriu, esta conceção de que só é aluno com hipóteses de sucesso o que aprende-depressa-e-bem mudou radicalmente, desde logo na legislação e noutros normativos do sistema educativo nacional. Mas não é a legislação que transforma, é a ação dos atores. Não é o dizer que mobiliza, é a convicção de quem faz. E, recorrentemente em educação, entre o dizer e o operacionalizar há altos muros de burocracia carente de verbas e muitos anos de balcanização e rotinas escolares para erodir e limpar.

Indiscutivelmente já muito se avançou. Mas há que reconhecer que, apesar das ainda muitas pedras no caminho, é quase sempre a capacidade de ter *compaixão* que estimula a convicção e mobiliza a ação dos professores para a construção de uma escola pública genuinamente inclusiva. Aquela escola onde todos os alunos, independentemente da amplitude das suas diferenças, se sintam bem, cuidados e acarinhados por uma comunidade escolar que lhes dá o direito de serem felizes a aprender o mundo e os outros, dando o seu melhor. Porque o professor é como um jardineiro e os alunos são como as plantas que precisam constantemente de ser regadas. Só um jardineiro apaixonado pelo que faz consegue um jardim equilibrado e deslumbrante. Mas, tal como as plantas, há alunos que precisam de pouca rega para resistirem e crescerem bem e há outros que, por motivos vários que lhes são alheios, precisam de muitas mais regas e atenção para poderem igualmente crescer e florir. São sobretudo estes últimos que nós, os professores, devemos de *cuidar com mais paixão*.

Para que todos construam um presente que lhes permita olhar com *esperança* para o futuro.

Referências

Azevedo, Joaquim (2011). *Liberdade e Política Pública de Educação, ensaio sobre um novo compromisso social pela educação*, s. ed., Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.

Zabalza, Miguel (1992). *Planificação e Desenvolvimento Curricular*, 1ª ed., Rio Tinto: Edições Asa.

A Paixão de ser professor

Maria José Peixoto

Nunca um desafio teve o sentido de oportunidade que este teve: no dia do professor, convidaram-me a refletir sobre o impacto da docência naqueles que exercem tão nobre profissão.

Não há dúvida de que ser professor é talvez a missão mais impactante da sociedade. É ter a tarefa de ensinar, mas também de preparar os cidadãos do futuro. Não haveria outras profissões se os professores não existissem, ainda que sejam frequentemente maltratados e ignorados.

Por isso, é cada vez mais importante que quem tem a função de ensinar não se limite a ser um mero executor. Antes de mais, quem escolhe esta atividade deve fazê-lo por vocação. É preciso estar consciente dos desafios que lhe serão colocados e amar o próximo do mesmo modo que ama os seus entes queridos. O professor vai burilar diamantes em bruto, sim, porque os jovens que vai preparar têm muito para dar e cabe ao professor descobrir o tesouro que cada menino ou menina esconde. E esse é o maior desafio que se coloca a quem abraça esta profissão, tão desgastante quanto gratificante, pois vemos seres humanos a crescer física e intelectualmente, aprendendo e ensinando-nos todos os dias, fazendo de nós pessoas diferentes, mais tolerantes face à diferença, obrigando-nos a reinventarmo-nos, a procurar novas estratégias e a nunca cruzar os braços perante os obstáculos com que sistematicamente nos deparamos.

É tão bom quando vemos nos olhos dos alunos a alegria por poderem aprender e partilhar com os outros os seus conhecimentos! E, quando o sucesso lhes bate à porta, é como se o sucesso deles fosse também o nosso! Quantos alegrias tenho tido! Têm sido muitos aqueles que já vi serem reconhecidos nas profissões que abraçaram e a reconhecerem o que os professores fizeram por eles! Acredito mesmo que são muitos aqueles que veem neste ou naquele professor o seu grande mentor e inspirador, acabando por nos agradecer o não termos desistido deles, em momentos em que o desalento e a desmotivação os dominaram.

Reconheço que, por vezes, o desânimo também se apodera de nós. Há momentos em que a vontade de desistir nos invade e quem, como eu, já assistiu a inúmeras mudanças e a muitas incongruências por parte de quem tutela, certamente já pensou

em desistir. Quantas vezes, por nos sentimos ignorados, quer por alguns alunos quer pelos dirigentes escolares e até pelos pares, cresce a vontade de desistir e voltar as costas a tudo e a todos! E se não o fazemos é porque de imediato nos surgem os rostos daqueles muitos jovens que nos aguardam na sala de aula na esperança que, pelo menos nós, não desistamos deles.

Para estes vai o nosso esforço e a nossa mensagem tem de ser a de que a educação é o meio mais eficaz de promoção e para alcançar uma posição social diferente da dos nossos progenitores, mostrando-lhes e comprovando-lhes que desistir é para os fracos e que a realização dos sonhos impõe sacrifício. O que se alcança por mérito próprio tem outro sabor, e chega a hora de convocar as sábias palavras de Camões que, em *Os Lusíadas*, afirma “Melhor é, merecê-los sem os ter, /Que possui-los sem os merecer”, ou do grande Fernando Pessoa que em *Mensagem* nos ensina que “Quem quer passar o Bojador/Tem que passar além da dor”.

Falar-lhes do nosso percurso pode também ser uma estratégia de motivação e, quantas vezes, perante a desistência de alguns, evoco o meu percurso pessoal e falo-lhes de como tive de lutar, trabalhando e estudando, para realizar o sonho de os poder ensinar, não são as matérias, mas também os segredos de uma vida difícil, como foi a minha, cujos obstáculos tive de contornar, e como terei muito gosto em lhes mostrar como podem e devem fazê-lo.

Criar empatia é, indubitavelmente, o primeiro passo a dar. Depois é preciso unir esforços, partilhar, aprender e ensinar, uns com os outros, de modo a não se deixar nenhum aluno para trás, porque todos são preciosos, são pérolas a abrihantar, e basta que se sintam amados, respeitados e reconhecidos para que o caminho se torna mais fácil de trilhar.

Se me perguntam se estou arrependida por ter escolhido esta profissão, a minha resposta nunca é imediata, pois penso que poderia não sentir o desgaste em que sempre ando; podia, pelo menos, ao sábado e ao domingo, desligar, mas, mesmo nesses momentos em que me sinto cansada e revoltada por não conseguir alhear-me da escola e dos alunos, não me consigo ver sem os rostos curiosos daqueles que esperam que eu os possa ajudar a saber ser e a saber fazer.

Podia ter sido outra coisa? Talvez pudesse, mas não seria a mesma coisa. Com toda a certeza não me sentiria tão realizada como sou. Por isso acredito que quem

verdadeiramente ama esta profissão, é um excelente profissional e os jovens que tiverem a sorte de por eles passarem, nunca mais os esquecerão.

A todos os professores que dedicaram e dedicam a sua vida à escola e aos seus alunos um reconhecimento muito especial neste dia que é mais nosso.

Engendrar o humano

Pedro Jesus

Lembro-me que, no processo de chegada ao ensino, um momento da minha, então, ainda curta carreira profissional como arquiteto teve um papel determinante. Após um período de arranque profissional promissor, integrado num grupo de jovens arquitetos com participação efetiva na conceção e execução de projetos ligados à reconstrução de Timor Leste, iniciei a colaboração num gabinete de arquitetura, tendo percebido rapidamente que a expectativa que existia sobre o meu desempenho se cingia à execução técnica e acrítica de desenhos rigorosos necessários ao desenvolvimento dos projetos em curso. À medida que, através daquela experiência, se foi instalando em mim um sentimento de desilusão e algum desencantamento, foi-se simultaneamente reavivando a memória do prazer que tive, no meu percurso escolar, ao ajudar alguns colegas a aprenderem e a descobrirem-se capazes. Recordo-me de ter pensado na altura, porventura com alguma inocência, que gostaria de “arquitetar vidas”.

Hoje, ao pensar no que pode tornar a profissão de professor apaixonante, surge-me o título de um capítulo do livro *Futuro Desenhado* – que reúne alguns textos do importante arquiteto brasileiro Paulo Mendes da Rocha –, “engendrando o humano”. Talvez seja uma formulação mais adequada.

Nesse texto, o autor conta uma pequena história vivida na primeira pessoa na sua infância, que ilustra, de alguma forma, o que pretende dizer:

“Eu aprendi com a minha avó. Você falou de pessoas simples. Simples porque sábias. Minha avó era uma delas. (...) Eu nasci na terra onde ela morava, em Vitória, no Espírito Santo, onde fazia muito calor. Então tinha três geladeiras naquela casa, ela fazia sorvetes e os netos iam todos para lá. Nessa ocasião já nem morávamos no Rio de Janeiro, mas em São Paulo, e no final do ano íamos todos para lá. (...) Então ela fazia sorvete e depois pegava uma cadeirinha, sentava na frente da geladeira e ficava fazendo crochê, porque senão a gente comia antes de ficar pronto. Para pelo menos dar tempo de ficar pronto o sorvete! Quando alguém dizia “A vovó já saiu, o sorvete está pronto”, todos atacavam. Sorvetes ótimos! E dessa forma ela me ensinou coisas incríveis, pois aquilo era, no fundo, uma lição de termodinâmica, calorimetria, mecânica dos fluidos.

O tempo como ingrediente da ação. E o trabalho, o código do crochê, como medida do tempo. Ela não olhava no relógio, apenas tecia um tanto.” (Rocha, 2018, p. 50)

Tomo este belo relato emprestado pois parece-me que ele sugere, de modo metafórico, alguns ingredientes que alimentam a *paixão de ser professor*.

O tempo

O tempo de construção da relação pedagógica, para conhecer os alunos, todos e cada um, para lhes proporcionar a experiência de serem conhecidos, apoiados, reconhecidos como capazes, que é o mesmo que dizer tempo para compreender em profundidade como o aluno aprende, enfrenta desafios, se vê como aprendente; mas também o tempo como componente do próprio processo de aprendizagem, compreendendo que da plantação à colheita há um período de crescimento invisível que é preciso cuidar, sem desistir.

O trabalho

O trabalho pedagógico, individual e coletivo, de planejamento e concretização de aulas como momentos desafiantes e estimulantes para os alunos, tendo em conta a sua zona de desenvolvimento proximal (Vygostsky, 1978), que despertem e alimentem a vontade de aprender; mas também o trabalho com e entre os alunos, como meio de construção de aprendizagens com sentido.

O amor

Como afirmou Pennac (2009), é preciso convocar o amor. Só transformamos o que amamos ou quem amamos. Isso implica, necessariamente, compromisso com o percurso de vida de cada aluno. Não pode ser indiferente se um aluno aprende ou não, se se desenvolve como pessoa ou não.

A oportunidade

Sob essa perspectiva, penso que o melhor que um professor pode almejar é ser oportuno na vida do aluno, no particular momento em que tem a responsabilidade de o acompanhar e apoiar, entreabrindo janelas de conhecimento por onde ele possa entrar.

A aprendizagem

Provavelmente o que mais me atraiu na escola foi o gosto que tive ao ser aluno, as múltiplas experiências de aprendizagem que me proporcionou, e que eu de outra forma não teria oportunidade de viver. Não me faz, por isso, sentido que a escola não continue a ser um espaço privilegiado de aprendizagens também dos professores. A formação contínua ou o desenvolvimento profissional docente é, por isso e antes de mais, uma necessidade que pode e deve ser posta ao serviço de toda a comunidade – um meio para melhor amar e servir.

Engendrar o humano é, neste contexto, uma graça, um convite quotidiano a olhar o presente e o futuro com esperança. Um convite a fazer a diferença na vida dos alunos que nos são confiados e a deixarmos que eles façam a diferença na nossa. Utilizando a expressão de Paulo Mendes da Rocha, ao referir-se à avó, “tecer um tanto” de humanidade.

Referências

- Pennac, D. (2009). *Mágoas da Escola*. Porto: Porto Editora.
- Rocha, P. M. (2018). *Futuro Desenhado*. Lisboa: Monade Editora.
- Vygotsky, L. (1978). *Mind in Society: The Development of Higher Psychological Processes*. Cambridge, MA: Harvard University Press.

A Paixão de Ser Professor: as marcas que nos tecem

Raquel Simões de Almeida

Não posso dizer que escolhi ser professora, mas estou certa que me tornei numa.

Sou licenciada em Terapia Ocupacional, uma profissão da área da saúde, ainda um pouco desconhecida para a sociedade em geral. Quando surgiu o convite para ser (me tornar!) docente no ensino superior, em 2014, após terminar o meu mestrado e quando iniciei o meu doutoramento, o desafio parecia maior que as minhas capacidades. Sem qualquer formação a nível pedagógico, foi na partilha com os meus colegas professores, mais experientes, que fui aprendendo. E na minha perspetiva, ser professor é também, sempre, ser aluno. A partir deste ano, 2021, estou 100% dedicada à atividade de docência e é com orgulho que digo que Sou Professora.

Nunca perco a noção da grande responsabilidade, também social, que é ser professor - “A Educação é a arma mais poderosa que se pode usar para mudar o mundo”, frase sobejamente conhecida de Nelson Mandela. Ao professor não lhe basta ser bom profissional na sua profissão de origem, é necessário ser um professor profissional, ou seja, científica e pedagogicamente competente. O grande desafio, mais do que ensinar, é fazer aprender, assegurando que todos os alunos têm igualdade de oportunidades de sucesso.

Ser professor no ensino superior tem algumas especificidades, desde logo pelo facto de os alunos serem adultos e experienciam situações que os podem condicionar em larga medida - por exemplo, serem trabalhadores-estudantes ou estarem num curso que não é a sua primeira opção. Além disso, o afluxo em grande número de estudantes ao ensino superior, provenientes de trajetórias escolares muito diversificadas, traz a necessidade de se adotarem estratégias pedagógicas eficazes e inovadoras, capazes de os equipar com as competências necessárias para uma aprendizagem ao longo da vida.

Saber que, em conjunto com os meus colegas professores, estou a ajudar a formar futuros colegas terapeutas ocupacionais é muito gratificante e sei que o devo fazer não só através da palavra, mas também do exemplo, criando situações de aprendizagem aproximadas ou no próprio contexto real de trabalho, potenciando um ensino fora da sala de aula. Ser professor não é mais que ser um facilitador do processo de aquisição e

desenvolvimento de competências, que dá supervisão, orientação e feedback, fomentando a autonomia, a criatividade, e o pensamento crítico.

Na minha perspectiva, a melhor parte de ser professor é a interação com os alunos. Muitas vezes, eles não reconhecem o seu talento, ou não sabem como dirigi-lo. Por norma, são necessárias apenas algumas orientações para se transformarem e reconhecerem o seu próprio potencial. Fazer aprender é também estar em relação com os alunos, acompanhá-los na construção dos seus conhecimentos, envolvê-los em tarefas significativas. Ser professor é fascinar o aluno, escutar as suas experiências, valorizar as suas perguntas, é persistir, é comunicar, é estar verdadeiramente presente.

Olhando para trás, reconheço em alguns dos meus professores a importância que tiveram na pessoa que sou hoje – e não o digo só em termos profissionais. Acredito que possa também eu estar a marcar, de algum modo, cada um dos “meus” alunos e contribuir para que possam também transmitir a sua paixão a outros. Porque ser professor é também ver os nossos alunos como a nós mesmos e partilhar aquilo que sabemos, acreditamos e sentimos.

Experiências avulsas em torno da paixão de ser professora de português

Rosário Queirós

Breve contextualização: estive, por motivos vários, afastada da lecionação durante muitos anos. Esperava-me a reforma. Decidi contrariar-me e ir fazer aquilo que sempre gostei de fazer: ensinar e aprender ou aprender e ensinar - acho que o processo é simultâneo. Uma das várias razões que me levaram a decidir acabar a minha carreira numa sala de aula foram as vozes repetidas e insistentes que ia ouvindo ao longo do tempo: “Olha que os alunos não são bem comportados, nem te respeitam como dantes. Sabes lá o que isto é!”

Tinha que conseguir provar que aquelas afirmações eram um absoluto disparate. E só conseguia ter credibilidade se fosse experimentar. E experimentei. E correu bem. E foi um prazer. Porquê? Decidi escolher um 10º ano – o mesmo nível lecionado no meu primeiro ano de formação. Esse ano foi essencial. A paixão que me ia envolvendo, criou raízes e veio para ficar. Ficava muito mal não aproveitar para agradecer ao meu mestre de então, era eu uma miúda, tudo aquilo que me ensinou. O mérito de ter optado por retomar as aulas também é dele.

Os jovens de 10º ano que estavam à minha frente, para além de serem uma simpatia, perceberam a minha primeira mensagem. Para que as coisas corressem bem era preciso haver confiança, lealdade, verdade, respeito pelos outros e gostar do que se está a fazer. Se conseguirmos acrescentar uma boa dose de humor, boa disposição e curiosidade natural, então tudo seria perfeito.

A minha preocupação primeira foi cativá-los sem os maçar, pelas ações, pelos silêncios.

Disse-lhes que sabia que todos iriam ter sucesso, porque nos íamos ajudar uns aos outros, porque íamos detetar as dificuldades de cada um e íamos resolvê-las. Todos com todos. Todos eram responsáveis pelo sucesso de cada um. Não prometi facilidades, mas prometi empenho, desde que funcionasse para os dois lados. Prometi, sim, que não ia desistir de ninguém, E pedi-lhes também que me interrompessem sempre que necessário. Solicitei ajuda com o relógio: “se estiver a falar há mais de 10 minutos, mandem-me calar. O tempo de antena tem que ser sobretudo vosso. Quero-vos a ler, a

pesquisar, a interrogar. O meu papel é apoiar-vos em tudo o que acharem necessário. Tudo isto aconteceu numa primeira aula. No início senti-os muito calados, metidos com eles, mas com toda a sua atenção centrada em mim.

Indaguei: “Então que se passa?”. Resposta a medo do Manel, lá atrás: “Professora, acho que não sei ter aulas assim.” - “Assim como?” - “Em que tenho que falar muito”.

E fui interrogando. E percebi a estranheza. Não “costumava” ser assim, diziam eles. “E temos o exame!” - arriscou a Ana. Consegui convencê-los de que o essencial era saber pensar, saber fazer, não estar preguiçosamente à espera que os problemas se fossem resolvendo. Dá mais trabalho? Dá, mas é muito mais interessante, muito mais produtivo em termos de se apoderarem do conhecimento. Porque eram eles que o iam construindo. E esse saber não se esquece. É nosso. Falei-lhes ainda das emoções que não cabem em nenhum exame. E não é possível ensinar e aprender português e literatura portuguesa sem emoção, sem sensibilidade, sem arrojamento.

Expliquei-lhes como foram para mim determinantes alguns professores que eu nunca iria esquecer. Porque amavam aquilo que faziam, porque escolheram querer fazer exatamente aquilo: ensinar e ajudar a aprender. Não foi um acaso, não foi um emprego, foi uma opção consciente e apaixonada. E ensinaram-me ainda, que temos que ser nós os primeiros críticos de nós mesmos. Temos a coragem de deitar fora o que não presta e orgulharmo-nos da nossa capacidade de fazer bem e melhor. Porque podemos sempre fazer melhor.

Nesta primeira aula não ficou de fora conversar sobre a importância de viver segundo os valores essenciais de uma sociedade tolerante e democrática. Se eu sentisse que estavam de alguma forma a ser postos em causa, se não existisse solidariedade dentro daquela sala, então tornar-me-ia num “robot” a despejar matéria. “E podemos ter debates sobre esses valores? Sem que ninguém se ofenda.” - “Claro, podemos e devemos. Mas Rafaela estás aí com alguma coisa a apertar-te a garganta e que quer sair, diz lá”. - “Tenho que perguntar ao Rafael se posso”. Podia. - “É que estive no intervalo a falar com o Rafael e ele, que é contra a tortura e a pena de morte, defende que pode haver legitimação para a tortura. Não contraria os tais princípios de que falou? A professora acha que ele tem razão?”

Calei-me. Percebi rapidamente que vinha aí uma aula (e um processo até à aula) que poderia ser interessante. Expliquei-lhes que o importante era o que eles achavam e porquê. Obviamente iriam ter a minha opinião ou a tal de confiança de que falei no início era posta em causa.

Disse-lhes que tínhamos duas semanas para preparar o debate. Que tínhamos que ler, investigar, questionar ao jantar, falar com avós, recolher testemunhos. (Ensinou-me a experiência que este “fazer com”, este “nós” é essencial. Não há dois lados. Só um – o da paixão pelo conhecimento).

Perceberam a relevância da informação quando se quer defender um ponto de vista. E falei-lhes também da importância da escuta, íamos todos ter que nos escutar e depois defender a nossa posição. Com um português correto, fui acrescentando.

Perguntam-me alguns Velhos do Restelo se a tortura “era do programa”. Respondo: os direitos do homem são sempre do programa. Falar de tortura com adolescentes tem que ser do programa, falar da vida tem que ser do programa, falar do Afeganistão tem que ser do programa, falar de como lhes estragamos o planeta tem que ser do programa e acreditem: todas as múltiplas e importantíssimas aprendizagens realizadas por estes alunos fizeram sentido para eles e para mim. Escutar, ler, falar, escrever, investigar, analisar, concluir e avaliar a sua posição pela sua cabeça, acompanhada pela emoção dos testemunhos (lidos ou escutados) e pela importância da recolha de informação é um bem precioso.

Sim, decidi ser professora, porque ensinar é mesmo uma paixão. E, como todas as paixões, às vezes é difícil de escapelizar e de explicar. Mas fica uma certeza, esta paixão não é efémera, é mais como um velho amor que acompanha os nossos cabelos brancos. E que às vezes é solitário.

A Paixão de Ser Professor: razões e sentimentos

Sónia Soares Lopes

O (des)encanto de ser Professor:

É ver o sorriso nos olhos dos alunos,

É dar sentido ao que estão a aprender,

É ouvi-los dizer: “A aula já acabou? Passou rápido!”,

É fazê-los sentir que são capazes,

É fazê-los aprender uns com os outros,

É aprender com eles todos os dias,

É ouvir, mais do que falar,

É acompanhar, mais do que estar,

É fazê-los voar, mas sempre prontos a amparar.

É viver no mundo de papéis,

É participar em reuniões em que pouco se fala dos alunos,

É enfrentar vozes contra a mudança apenas porque não conhecem,

É estar longe uns dos outros,

É ver escolas para alguns quando deviam ser para todos,

É ver mandar, em vez de capacitar,

É ver o apego à cadeira do poder,

É ver a escola tentar sobreviver no meio da luta de poderes.

É tentar emergir quando o desencanto nos tenta afogar,

É estar juntos para não despedaçar,

É acreditar sempre que o dia de amanhã vai melhorar!

O Professor é um segredo...

Teresa Martinho Marques

O professor compra uma agenda nova, um caderno bonito, uma caneta verde. Prepara-se com expectativa (com esperança?) para o que o novo ano lhe trará.

O Professor é um aluno que não quis deixar a escola.

O professor zanga-se, "congelado", longe da família, horário mau, vida difícil. Faz promessas e juras: não gasta nem mais um minuto no fim de semana, nada de projectos loucos, nem mais um tostão do bolso, nem mais um tinteiro, uma folha de papel, gota de tinta, gota de sangue, gota de suor. Espreitem uns dias depois. O professor está, outra vez, a fazer a festa com os alunos. A festa é, quase sempre, muito maior.

O Professor tem forma de coração com memória fraca.

O professor não tem endereço electrónico. Não escreve textos no computador. Não quer. Diz que não, que não gosta, que não percebe. O professor insiste que prefere lápis e papel. Nunca, nunca conseguirá. Diz que não vale a pena. E depois... O professor pede ajuda ao filho. O professor faz formação. Aceita a mão de outro professor. O professor dá mais um passo.

O Professor é um caderno já muito cheio, onde encontramos sempre muitas folhas brancas.

O professor fala de saúde, futuro, matemática, inglês, poesia, estudo, música, informática, livros. Sabe fazer projectos, jornais, cartazes, desenhos, receitas, teatro. Cura feridas, ampara tristezas, acalma medos. Escuta segredos, dá conselhos, conta anedotas, prepara passeios, monta exposições. Dirige a escola, dirige um grupo, escreve regulamentos, prepara oficinas, constrói materiais. O Professor não sabe o que quer ser quando crescer. O professor faz muitas perguntas, por dentro e por fora dele. O professor gosta que lhe façam perguntas. O professor ensina que as perguntas são a melhor maneira de aprender. O professor acha mais difícil fazer uma boa pergunta do que dar uma má resposta. O professor ensina a perguntar. O professor não sabe todas as respostas.

O Professor é um ponto de interrogação com muitas respostas possíveis.

O professor tem medo. De não conseguir, de não ser capaz, de errar, de acertar, de se perder, de perder alguém. Tem medo de ter medo. Medo de não ter medo. Medo de avançar depressa, de avançar devagar. Medo de ficar parado. O professor tem medo que não aconteça nada.

O Professor usa o medo como meio de transporte.

O professor chora, ri. O professor sofre, mastiga desgostos, partilha-os se forem maiores do que ele próprio. Tem sonhos, tem desejos. Às vezes pinta, às vezes canta, outras escreve. Planta flores, cria borboletas, namora, ama, tem filhos, não tem filhos, representa, dança, vai ao cinema. O professor é feliz, é menos feliz, é feliz outra vez. O professor fica parado a pensar no que sente. O professor é de todas as cores por dentro e por fora. Mais do que o arco-íris. Mais do que a maior caixa de lápis de cor do mundo. Mais do que todas as cores que se podem imaginar.

O Professor do avesso é tão colorido como do direito.

O professor recomeça tantas tantas vezes, que desiste do prefixo "re". O professor caminha numa estrada que dá voltas e voltas e voltas... Não se lembra de ontem. Não sabe o amanhã. Oferece o tempo que tem.

O Professor não tem princípio nem fim.

O professor tem uma magia só dele. Um feitiço que lhe foi lançado, não se sabe quando nem por que fada. Ele é Bela ou Monstro, Princesa Adormecida, Gata Borradeira, Capuchinho Vermelho, Branca de Neve. As madrastas, os lobos, as bruxas, as trevas vão andar sempre por aí. Ele luta, história a história, contra todos eles.

O Professor tem de ser o final feliz de todas as histórias, para que o mundo se salve.

Por entre o som das palavras, o professor é cheio de silêncios que poucos conhecem. Silêncios que falam, muitas vezes, uma língua que quase ninguém se lembra de ter ouvido.

O Professor é um segredo que se deve contar em voz alta, para toda a gente ouvir.

Texto publicado no Correio da Educação, CRIAP ASA, nº232, 3 de Outubro 2005 e no blogue Tempo de Teia, 2006